

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ANA PAULA DA SILVA EIBS

**CENSURA EM TEMPOS DE GUERRA:**

um estudo sobre a destruição dos livros e as bibliotecas de Hitler

Porto Alegre

2018

ANA PAULA DA SILVA EIBS

**CENSURA EM TEMPOS DE GUERRA:**

um estudo sobre a destruição dos livros e as bibliotecas de Hitler

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora Dra.: Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima

Porto Alegre

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora: Karla Maria Muller

Vice-diretora: Ilza Maria Tourinho Girardi

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe: Jeniffer Alves Cuty

Chefe substituto: Eliane Lourdes da Silva Moro

**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Coordenadora: Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador substituto: Rene Faustino Gabriel Júnior

CIP - Catalogação na Publicação

Eibs, Ana Paula da Silva  
CENSURA EM TEMPOS DE GUERRA: um estudo sobre a  
destruição dos livros e as bibliotecas de Hitler /  
Ana Paula da Silva Eibs. -- 2018.  
80 f.  
Orientador: Marcia Heloisa Tavares de Figueredo  
Lima.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de  
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Nazismo. 2. Bibliotecas. 3. Censura. 4.  
Destruição de livros. 5. Hitler. I. Tavares de  
Figueredo Lima, Marcia Heloisa, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua: Ramiro Barcelos, 2705

CEP: 90035-007

Tel./Fax: (51) 3316-5146 (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado **CENSURA EM TEMPOS DE GUERRA: UM ESTUDO SOBRE A DESTRUIÇÃO DOS LIVROS E AS BIBLIOTECAS DE HITLER**, de autoria Ana Paula da Silva Eibs, estudante do curso de Biblioteconomia, desenvolvido sob minha orientação.

Porto Alegre, 30 de novembro de 2018.

Assinatura:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Heloisa Tavares Figueredo Lima

ANA PAULA DA SILVA EIBS

**CENSURA EM TEMPOS DE GUERRA:**

um estudo sobre a destruição dos livros e as bibliotecas de Hitler

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado pela Banca Examinadora em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Heloisa Tavares Figueredo Lima – UFRGS Orientadora

---

Marlise Maria Giovanaz  
Examinadora

---

Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer meus pais por todo o apoio, cuidado, por todos os ensinamentos. Pai, obrigada pela ajuda no tema deste trabalho e por todo o auxílio durante o desenvolvimento do mesmo. Mãe, obrigada por me ensinar a ler, por incentivar meu amor pelos livros e por me falar sobre o curso.

Ao meu avô, meu Bijuzinho, que não está mais aqui, mas que me apoiou tanto me ensinou tanto, que sem ele nada seria possível! Minha avó Maria, que mesmo já tendo partido me inspira todos os dias! Minha avó Vitória que me ensino o verdadeiro significado da palavra vitória, por jogar comigo o jogo do contente.

Ao meu irmão Betinho, que mesmo com todas as diferenças, sempre esteve ao meu lado, cuidando de mim e a minha cunhada Julia por todas as palavras de incentivo e por ser minha irmã. A minha tia Zani, por sempre cuidar, e fazer o possível para me ver bem e feliz.

Ao meu namorado Matheus, por todo amor, paciência durante esses meses, por me ajudar, me apoiar e por me dizer para ter calma, por ser tão maravilhoso, gentil, por me ensinar, por ser meu porto seguro, nos momentos mais difíceis.

A Veronica, Camila e Pamela, que sem duvida, foram os melhores presentes que a UFRGS me deu, muito obrigada por fazerem meus dias melhores.

À minha orientadora maravilhosa Marcia, por aceitar trabalhar comigo durante esses meses em um tema tão importante e difícil.

Aos meus tios e primos que mesmo a distancia sempre me mandaram boas vibrações.

Às minhas amigas que entenderam a minha ausência!

A todos do Colégio Marista São Marcelino Champagnat, obrigada mesmo, vocês são demais!

Aos meus sogros Marilene e Mauricio, obrigada por sempre estarem ao meu lado e por terem criado um filho tão maravilhoso.

A minha querida professora Eliane Moro, por me fazer gostar ainda mais de Biblioteca Escolar e, acima de tudo, por me fazer acreditar.

A todos que durante esses meses me deram palavras de apoio e entenderam sempre as minhas ausências.

À UFRGS e à FABICO, por terem me proporcionado muitos momentos maravilhosos, ensinamentos e pessoas que eu irei levar para toda a vida.

## RESUMO

Investiga, a partir de pesquisas bibliográficas, as bibliotecas de Hitler, fazendo uma relação de três coleções particulares do Führer com os livros destruídos no período nazista. Descreve o contexto histórico e político no Nazismo, assim como as conseqüências da Primeira Guerra Mundial para o surgimento do mesmo, do surgimento do partido, à propaganda nazista e à chegada ao poder. Mostra como a ideologia antissemita se intensificou na Alemanha culminando no Holocausto. Apresenta Adolf Hitler, narrado como um simples Cabo que se tornou o temido líder Nazista, provavelmente em função da leitura. Conceitua a censura, apresentado marcas históricas que a configuram como um mecanismo de controle religioso e político em regimes totalitários. Analisa os livros que fizeram parte da biblioteca de Hitler e que, segundo algumas análises teóricas, poderiam ter moldado a personalidade do Führer, motivo pelo qual destaca-se a importância das obras, algumas presentes nas três bibliotecas particulares que acumulou como um fervoroso colecionador. Descreve as queimas, que foram organizadas por estudantes alemães. Apresenta Joseph Goebbels, incentivador e cérebro das ações. Mostra que muitos livros roubados de bibliotecas públicas e particulares, não foram queimados, mas sim utilizados para estudos. Narra a transformação das bibliotecas e de escolas que se tornaram instrumentos de propaganda Nazista. Finalmente, busca verificar se existem livros que faziam parte do acervo de Hitler que foram censurados e queimados no período da ditadura Nazista.

**Palavras-chaves:** Bibliotecas. Censura. Nazismo. Hitler. Destruição de livros.

## ABSTRACT

Investigates, from bibliographical research, the libraries of Hitler, making a relationship of three private collections of the Führer with the books destroyed in Nazi period. Describes the historical and political context in Nazism, as well as the consequences of World War I for the emergence of the same, the emergence of the party, Nazi propaganda and the coming to power. It shows how the anti-Semitic ideology intensified in Germany, culminating in the Holocaust. Introduces Adolf Hitler, narrated as a simple cable who became the feared Nazi leader, probably due to reading. Conceptualize censorship, presented historical marks that set as one mechanism of religious and political control in totalitarian regimes. Analyzes the books that they were part of the library of Hitler and that, according to some theorists, could have shaped the Führer's personality, that's why it stands out the importance of books, some present in in the three private libraries which accumulated as a fervent collector. Describes the burnings, which we reorganized by German students. Introduces Joseph Goebbels, promoter and brain of actions. Shows that many books stolen from public and private libraries, were not burned, but rather used for studies. It tells the transformation of libraries and schools that have become instruments in advertising Nazi. Finally, search check if there are books which were part of Hitler's collection who were censored and burned in the period of the Nazi dictatorship.

**Keywords:** Libraries. Censorship. Nazism. Hitler. Destruction of books.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Uma das bibliotecas de Hitler.....	43
Figura 2 – Discurso de Goebbels no dia 10 de maio de 1933.....	46
Figura 3 - Estudantes jogando livros nas fogueiras.....	50
Figura 4 - Cena da queima dos livros.....	52
Figura 5 - Liesel joga um livro na fogueira.....	53

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>15</b>
2.1	NAZISMO	15
2.2	ADOLF HITLER	20
2.3	O CONCEITO DE CENSURA	25
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>30</b>
<b>4</b>	<b>A BIBLIOTECA DE HITLER</b>	<b>33</b>
4.1	O DESTINO DOS LIVROS NO PÓS-GUERRA	41
<b>5</b>	<b>A DESTRUIÇÃO DOS LIVROS PELOS NAZISTAS</b>	<b>44</b>
5.1	A DESTRUIÇÃO DOS LIVROS NA EUROPA	53
5.2	JOSEPH GOEBBELS	55
5.3	OS LIVROS NO PÓS GUERRA	57
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>59</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>63</b>
	<b>APÊNDICE A – Lista parcial do acervo de Hitler com base no livro A biblioteca esquecida de Hitler</b>	<b>67</b>
	<b>APÊNDICE B – Provável lista de autores que foram censurados pelos nazistas, com base no artigo El Bibliocausto Nazi de Fernando Baez</b>	<b>70</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, apesar da "concorrência" de inúmeras outras fontes de informação, os livros estão presentes no cotidiano das pessoas. Desde 1454 com a invenção da prensa<sup>1</sup>, por Johannes Gutenberg, o livro tem sido fundamental como suporte de memória e para a realização de registros históricos. Sua importância social e histórica é enorme, a ponto de podermos considerá-lo um objeto de poder para quem o utiliza e entende. À vista disso os livros sempre estiveram na mira de governos ditatoriais, sendo censurados e na maioria das vezes destruídos.

Publicar livros foi uma ação que produziu um objeto cultural privilegiado no Ocidente. O livro gerou todo um aparato institucional envolvendo uma indústria editorial, corporações empresariais, sistemas de avaliação e distribuição complexos. A disputa física e discursiva pela posse, distribuição e cerceamento dos discursos circulantes sob a forma impressa data de pelo menos os anos 1600, como notícia John Milton em *Areopagítica*<sup>2</sup>, no qual o autor faz um discurso sobre a inaceitabilidade da censura prévia, discurso que, segundo Seelaender (1991a, p. 191):

Representou um marco inicial de toda uma longa e rica tradição de questionamento da legitimidade dos procedimentos utilizados pelos governantes para cercear a divulgação de informações e opiniões contrárias aos seus interesses.

Este texto é considerado o fundamento "arqueológico" das principais teses sobre a censura. Foi a primeira obra que deliberou sobre a liberdade de saber dos cidadãos, usando de justificativas cabíveis para que todo cidadão obtivesse direito de ser informado e de ir ao encontro dessa informação.

A censura é particularmente utilizada em períodos ditatoriais. Considerando que o direito à informação, como os demais direitos, não é absoluto, há limitações aceitáveis ao seu exercício. A censura não é um limite geralmente aceitável, mas um recurso ditatorial historicamente oposto à liberdade de informação. Como política de governo esta instituição limitante do direito à informação é aceitável (como exceção) em períodos de guerra, sobretudo como condição para a segurança dos estados beligerantes. De outra parte, a censura interna imposta por ditaduras é ofensiva aos princípios do estado democrático de direito.

---

<sup>1</sup> Máquina que permitia o processo de fabricação dos livros fosse de forma mais dinâmica.

<sup>2</sup> *Areopagítica* é considerado um marco histórico e o primeiro libelo contra a censura. Discurso de John Milton dirigido ao Parlamento...

O presente trabalho teve o propósito de fazer uma possível relação entre a censura pregada durante o período nazista (1933 – 1945) e os livros que faziam parte das bibliotecas particulares de um dos maiores ditadores que já existiu, Adolf Hitler. O nazismo chegou ao poder no ano de 1933, conseguindo muitos adeptos para a sua doutrina e tendo como consequência o holocausto, que foi o extermínio de milhões de judeus, negros, ciganos e comunistas por nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Antes dele, aconteceu outro extermínio, o dos livros, também por nazistas, conhecido como "Bibliocausto", que gerou a destruição de milhares de livros (BAEZ, 2006).

Todavia, ainda que tenha sido mais famoso por ser um ditador que queimava livros, Adolf Hitler era um devotado leitor. Prova disso foi a sua ampla coleção de obras literárias que teriam sido usadas muitas vezes como inspiração. Ele era interessado nos mais variados tipos de leitura como, por exemplo, artes plásticas, literatura, armas químicas e aviões de guerra. Conseguindo escrever sua autobiografia *Mein Kampf*<sup>3</sup>, chegou a escrever a segunda parte, mas esta não chegou a ser publicada.

A leitura é considerada a principal fonte de aprendizagem que podemos utilizar, desde o fim da Era Clássica. Em Fedro, Platão enuncia a preocupação com a crescente exteriorização da memória a partir da escrita no momento de transformação da cultura grega em que se transitava da memória oral para a escrita, dado que até aquele então, a escrita era criminalizada, em virtude se acreditar que ela afastava os homens do conhecimento. Ele estabelece uma ligação da escrita com o desaparecimento da memória, pois, dessa forma, os homens, ficariam esquecidos, deixando de cultivar a memória, confiando apenas em livros escritos. (ZILBERMAN, 2006).

Considera-se a leitura um modo de sonhar, de viajar sem sair do lugar. Por esse motivo tencionou-se estudar a censura por meio da destruição de livros durante a ditadura nazista, pois foi uma censura desenfreada, que considerou certos livros impróprios por eles serem escritos por judeus ou por não condizerem com uma determinada linha de pensamento. Todo um aparato de poder - regras, instituições e atos - tratavam de mandar incinerá-los.

---

<sup>3</sup> Minha luta (tradução da autora): HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. Berlin: Franz-eher-Verlag, 1925. 720 p.

No curso de Biblioteconomia, a discussão sobre os livros e a leitura é constante, e durante esse período também conhecemos o pensador indiano Shiyali Ramamritam Ranganathan. Segundo Figueiredo (1992), na literatura indiana, o nome, o pensamento e a influência de Ranganathan sempre se mantiveram presentes, através do tempo, por esse motivo a autora recorda as cinco leis de Ranganathan:

- Os livros são para serem usados;
- Todo leitor tem seu livro;
- Todo livro tem seu leitor;
- Poupe o tempo do leitor;
- A biblioteca é um organismo em crescimento.

A censura é totalmente oposta ao que aprendemos com Ranganathan, uma vez que destruindo as bibliotecas e por consequência, os livros, rouba-se das pessoas a oportunidade de se apropriarem de partes importantes da cultura legitimada (SANTOS, 2003) e de escolherem, via oportunidade de escolha de discursos múltiplos, sua opinião.

O uso do poder para privar o povo da sua liberdade intelectual é muito comum, em várias épocas, ou em várias guerras. A partir disso decidi estudar a censura em tempos de guerra, tendo como foco a Segunda Guerra Mundial, uma vez que seu ditador era também um grande amante dos livros.

Com isso a questão desta pesquisa passa a ser: é possível que existam livros que faziam parte do acervo de Hitler, mas que foram censurados e posteriormente queimados por soldados nazistas a mando do ditador?

Para que seja possível responder à questão acima, foi necessária a criação de objetivos de pesquisa. O objetivo geral pretendido foi analisar uma possível correlação entre a destruição dos livros no período nazista e os que faziam parte das bibliotecas de Hitler. Por conseguinte, o primeiro objetivo específico consiste em descrever a censura aos livros durante o período nazista (1933-1945); o segundo objetivo específico foi analisar os livros que faziam parte das bibliotecas de Hitler e o que aconteceu com os mesmos no pós-guerra; o terceiro objetivo específico consistiu em fazer uma possível comparação entre os livros queimados pelos nazistas e os que pertenciam a Hitler.

O referencial teórico acrescentou conteúdos que proporcionassem um suporte para o entendimento do crescimento da ditadura nazista. À vista disso, o referencial teórico está dividido em tópicos que seguem as seguintes diretrizes de conteúdo: Hitler: sua história, sua ideologia, o que o levou a cometer tantas atrocidades; Nazismo: quando e como teve seu início, como a guerra se instaurou, levando tantas pessoas à morte, a ideologia nazista, bem como a propaganda que fez tantas pessoas a seguirem como se fosse uma religião; o conceito de censura, seu histórico religioso e político.

O desenvolvimento do trabalho estudou as bibliotecas de Hitler, os livros que foram importantes para sua formação como líder nazista, explorando as marcações que neles foram identificadas, bem como as dedicatórias que eles continham e o seu destino no final da guerra. Analisamos a queima dos livros e a destruição de bibliotecas durante o nazismo, não apenas na Alemanha, mas em outros países da Europa, um breve estudo sobre Joseph Goebbels e o pós-guerra.

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO

Para que seja exequível analisar a destruição dos livros e fazer uma correlação entre os livros censurados durante o Nazismo na Alemanha e os que faziam parte das bibliotecas de Hitler. O contexto histórico no qual o trabalho está inserido deve ser um suporte para o entendimento de todo o processo que culminou nos fatos ocorridos durante o Nazismo.

À vista disso, o trabalho está dividido em tópicos que seguem as seguintes diretrizes de conteúdo: o nazismo, explorando seu início, seu radicalismo político e a guerra; Adolf Hitler, seu início na vida política, suas intenções e ideologias mesmo antes de assumir o poder, suas ambições; o conceito de censura, seu início.

### 2.1 NAZISMO

O nazismo foi um governo autoritário, doutrinador e um dos casos mais conhecidos de ditadura no qual um regime fascista tomou conta de um país. O fascismo é “[...]uma ideologia política [...], cuja crença central é a de que o indivíduo deve ser subjugado às necessidades do Estado, que, por sua vez deveria ser dirigido por um líder forte que personificasse a vontade da nação.” (WRIGHT; LAW, 2016). Nesse Estado a democracia não existia, a repressão e a censura ao povo eram excessivas. Em 1918, com o fim da Primeira Guerra Mundial e a derrota da Alemanha, teve início uma onda de manifestações nas ruas germânicas. Concomitante a esses protestos ocorreu uma Revolução Socialista em Berlim. Alguns desses revolucionários e principalmente seus líderes eram judeus.

No ano de 1919 foi assinado o Tratado de Paz de Versalhes<sup>4</sup>, como um acordo de paz, pelas potências aliadas europeias, que pôs fim à Primeira Guerra Mundial, mesmo sendo considerado pelos alemães uma *diktak*<sup>5</sup>, o então ministro do exterior, Hermann Muller, assinou o acordo. Um dos principais pontos do tratado era que a Alemanha aceitasse todas as responsabilidades e o pagamento de grandes indenizações pelos prejuízos causados pela guerra, o que não agradou o povo

---

<sup>4</sup> Segundo observação verbal da professora Marlise membro da banca. Existem historiadores contemporâneos que contestam a atribuição da responsabilidade do teor desmilitarizam-te desses tratados. A professora ainda citou o fato de que na Guerra da Prússia (1870 – 1871) a França pagou a dívida da guerra para a Alemanha e esse fato não culminou em outra guerra!

<sup>5</sup> Imposição (tradução da autora).

alemão que se sentiu humilhado, uma vez que esse fato se tornou um fardo para a economia germânica embora o pagamento da dívida pudesse ser efetuado quando a Alemanha tivesse condições econômicas. Todos esses fatores podem ter contribuído em parte para a ascensão do nazismo

Fundado em 1919, por Anton Drexler, o partido dos Trabalhadores Alemão, que posteriormente passaria a se chamar Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), teve seu nome novamente alterado, ficando conhecido apenas como Partido Nazista. Foi Hitler quem tomou a iniciativa pela mudança do nome, com o intuito de fazer uma associação dos termos “nacional” e “socialismo”, para que assim pudesse conquistar mais seguidores e ao ponto que o partido propunha um planejamento, mais “coerente”, oposto à democracia. Com uma crença de estado uni partidário, em 1921, Hitler assume o poder sobre o partido, tornando-se o líder dos nazistas.

Logo no início de sua liderança, o Führer decidiu adotar um símbolo que representasse seu partido, e nas duas décadas que seguiram a suástica ficou conhecida como a personificação do ideário nazista. Em sua definição a suástica é uma palavra que se originou do sânscrito *syatika*, “condutor do bem estar”, segundo Wright e Law, a suástica é “ [...] um emblema na forma de uma cruz com braços do mesmo comprimento inclinados em ângulo reto nos sentido horário ou no sentido anti-horário. Um símbolo de prosperidade e de boa sorte.” (WRIGHT; LAW, 2016). A suástica é originária de religiões antigas, Budismo e Hinduísmo, mas cada uma delas com significados diferentes. No nazismo, as cores, preto, vermelho e branco representam as cores do Antigo Império Alemão. No seu livro *Mein Kampf*, Hitler cita os motivos de sua escolha: “após inúmeras tentativas, escolhi uma bandeira vermelha para refletir a dimensão social do partido com um círculo branco representando nosso patriotismo, e a suástica, símbolo da raça ariana os eternos antissemitas.” (HITLER, 1925).

O Partido começou a se expandir em 1929 e a partir disso começaram também as promessas ao povo alemão: eram prometidos melhores empregos e, é claro, a restauração do orgulho nacional, que havia sido ferido ainda na Primeira Guerra. Os partidos adversários foram proibidos, principalmente o Partido Comunista Alemão, que foi considerado ilegal. No mesmo período, o Parlamento germânico concedeu a Hitler poderes excepcionais, ainda que somente para um período de quatro anos, mesmo com a oposição isolada dos socialistas. Instituições bancárias,

indústrias e o exército apoiaram Hitler no seu compromisso de alavancar a Alemanha em uma guerra pela vitória. Durante esse período, quase toda a população germânica apoiou a ideologia nazista (vide as grandes concentrações filmicamente comprovadas). Alguns que não concordavam, acabaram, temendo represálias, sendo arrastados pelas massas. Em contrapartida, os poucos que permaneceram como oponentes foram sequestrados, torturados e posteriormente assassinados (WRIGHT; LAW, 2016).

A propaganda nazista, consistia em submeter a população a um controle absoluto. O sistema educativo e do lazer eram os mais afetados, visto que foram os setores da sociedade que mais receberam a doutrinação nazista. Os professores alemães foram obrigados a filiar-se à Sociedade de Professores Nacional Socialista. Os livros didáticos foram reformulados de acordo com o ponto de vista nazista. As disciplinas de história e ciências naturais foram reestruturadas e introduziu-se o ensino das chamadas "ciências racistas". Durante o regime nazista a imprensa, o rádio e o cinema foram inteiramente submetidos ao controle do Ministério de Instrução Pública e de Propaganda, presidido por Joseph Goebbels. A propaganda nazista utilizava a imprensa escrita, mas especialmente o rádio e o cinema para disseminar seus ideais e trazer mais seguidores para a sua ditadura (NACIONAL socialismo, 2007).

Quando Hitler atinge seu principal objetivo e alcança oficialmente o poder em 30 de janeiro de 1933, ele transforma o país num estado de ditadura em pouco tempo (O GOVERNO..., 2018). Com o intuito de que as políticas nazistas fossem de fato aplicadas, o Fuhrer, organizou uma força policial, especificamente para essa tarefa. Com o propósito de vetar os direitos individuais dos cidadãos da Alemanha, Hitler instigou seu gabinete no governo a decretar estado de emergências, para que assim fosse possível segundo (O INÍCIO, 2018), ler as correspondências do povo, escutar suas conversas telefônicas e fazer busca e apreensão de objetos supostamente perigosos para o governo, em suas casas.

O nazismo teve suas características ideológicas baseadas em diferentes correntes do pensamento do século XIX. Desde a psicologia das massas de Gustave Le-bon, passando pela filosofia de Bergson, o relativismo e o existencialismo de Heidegger, o esoterismo alemão, o vitalismo, que também pode ser considerado como desprezo do intelecto, apologia da violência e as perspectivas

sobre o Estado, inspiradas em uma análise particular das obras de Maquiavel, Hegel, Fichte, Shopenhauer e Nietzsche (NACIONAL socialismo, 2007).

Em julho de 1933 foi assinado um acordo entre o governo alemão e o Vaticano. Esse tratado tinha como objetivo garantir o direito da prática religiosa para os católicos. Ainda assim o partido nazista aboliu as organizações sindicais e políticas de ordem católica e, apesar do Vaticano ter sido um dos primeiros a reconhecer formalmente a legitimidade do governo de Adolf Hitler, a Igreja católica foi alvo de perseguições, tanto aos padres, quanto a escolas e organizações culturais. No entanto, a Igreja católica não concordava com o regime totalitarista exercido pelo nazismo, mas se omitia diante dos fatos e abusos cometidos em seu nome. Diante disso, muitas pessoas passaram acreditar na conivência do Vaticano para com os eventos ocorridos durante o período ditatorial, dizendo inclusive que se a Igreja Católica manifestasse sua oposição ao nazismo:

[...] é provável que o curso da Segunda Guerra Mundial tivesse tomado um rumo diferente. Certamente, muito menos pessoas teriam sido perseguidas e executadas durante a guerra. [...] a Igreja poderia ter levantado a voz contra o genocídio perpetrado sob as ordens de Hitler. (TODESCHINI, 2017).

O regime nazista tinha uma ideologia calcada na exaltação do que poderia ser uma pessoa “perfeita”, com tipo físico e psicológicos que fossem considerados ideais, fortemente racista, pois os nazistas acreditavam na existência da raça ariana<sup>6</sup>, que consiste na ideologia de uma raça pura, superior às demais, que seria constituída apenas por indivíduos altos, fortes, claros, com um forte intelecto, que representaria a doutrina nazista de purificação racial, que nasceu da eugenia que prega a seleção genética de seres humanos. O Projeto *Lebesborn*<sup>7</sup> era uma criação de Heinrich Himmler, chefe da SS e da gestapo. As instalações do projeto, aparentavam ser apenas de uma instituição de assistência, que dava apoio tanto as esposas dos oficiais da SS, que estavam grávidas, quanto às mães solteiras que não podiam dar à luz na casa dos pais. Entretanto estabelecia restrições racistas para admitir as beneficiadas, dado que somente concedia abrigo a mulheres e crianças biologicamente adequadas, ou seja, que estivesse de acordo com os padrões nazistas, a raça ariana (GOMES, 2018).

---

<sup>6</sup> Do sânscrito *arya*, “nobre”.

<sup>7</sup> Fonte de vida.

Mais de seis milhões de pessoas entre judeus, negros, ciganos, comunistas, homossexuais, russos, poloneses, deficientes físicos, foram perseguidos, presos e exterminados nos campos de concentração<sup>8</sup> nazistas, por serem consideradas impuras e de raças mistas. Os objetivos dessa política antissemita iam além de uma purificação na Alemanha: tal política buscava desviar o ódio da população ao governo para esses povos. O extermínio dos judeus muito tinha a ver com a economia do país, já que eles exerciam funções em várias áreas do mercado de trabalho, mas principalmente, nos comércios e indústrias de pequeno porte. Com a sua aniquilação, sobrava mais espaço de trabalho para os membros da denominada “raça pura”.

O Estado nazista alemão denominava-se Terceiro Reich, para que assim fosse considerado uma continuação dos dois períodos imperiais da história alemã. O Primeiro Reich foi o Sacro Império Romano, de 926 a 1806, ou seja, da coroação de Oto I, até as invasões napoleônicas na Europa. O Segundo Reich foi o Império alemão e perdurou de 1871 até o final da Primeira Guerra Mundial em 1918, seu Imperador foi Guilherme II e seu Chanceler Otto Von Bismarck. “Em eleição manipulada o Partido Nazista obteve a maioria do novo parlamento e assim nasceu o Terceiro Reich.” (BAEZ, 2006). Seu início em 1933, bem como o princípio da ideologia nazista na Alemanha e seu fim em 1945, juntamente ao declínio de Hitler no poder.

Hitler fez uso da força policial para alcançar seus objetivos tanto de fiscalização de conduta, quanto para extermínio daqueles que eram considerados desleais. Dessa forma em 1933, deu poderes a Hermann Goering, líder nazista e político alemão, para que o mesmo reorganizasse a polícia prussiana à paisana transformando-a na gestapo. Em 1934 seu controle passou para Heinrich Himmler, que havia reestruturado a polícia em outros estados da Alemanha e dirigido a SS, que acabou englobando a Gestapo em 1939. Por sua vez a SS<sup>9</sup>, era uma espécie de elite da polícia nazista, foi fundada em 1925 pelo próprio Hitler, como uma forma de proteção pessoal. A SS era um grupo treinado para demonstrar lealdade e obediência absolutas, bem como uma total crueldade em relação aos seus oponentes (WRIGHT; LAW, 2016).

---

<sup>8</sup> Local onde eram internadas pessoas indesejadas pelos nazistas.

<sup>9</sup> *Schutzstaffel* “Escalão protetor”.

Foi durante o governo Hitler que se estabeleceu o holocausto. “O Holocausto foi o nome dado à aniquilação sistemática de milhões de judeus em mãos dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.” (BAEZ, 2006). Holocausto é uma palavra grega que significa sacrifício pelo fogo. Essa perseguição política agia de acordo com os ideais de seu líder maior Adolf Hitler e sua ideologia baseando-se na busca pela superioridade da raça ariana, propagando então o ódio para com esses indivíduos. Os judeus foram os mais afetados pelas teorias racistas do nazismo, a perseguição contra eles, teve início em 1933, junto da ascensão de Hitler ao poder. Em 15 de setembro de 1935, com a proclamação da Lei de Nuremberg, iniciou-se um novo estágio da legalização do antissemitismo, essa proclamação tinha como intuito a “proteção do sangue e da honra alemães”. Os judeus perderam a cidadania e o direito de voto, foram proibidos casamentos e até mesmo relacionamentos entre judeus e alemães não judaicos. Entretanto os abusos sexuais, principalmente de soldados nazistas com as mulheres judias eram grandes. Os judeus foram excluídos de lugares de lazer e até mesmo de comércios alimentícios: nesses locais era comum ter placas anunciando que a entrada deles não era permitida. A partir de 1938, os judeus foram proibidos de trabalhar como advogados, médicos ou empresários (NACIONAL socialismo, 2007).

## 2.2 ADOLF HITLER

No dia 20 de abril de 1889, nasceu Adolf Hitler, um dos ditadores mais conhecidos da história, austríaco, filho de Alois Hitler e Klara Polz. Aos 3 anos de idade mudou-se de Branau am Inn, na Áustria com a família para a Alemanha. No site do Museu do Holocausto (ADOLF Hitler, 2018) consta que Hitler tinha um grande interesse pela área das artes visuais. Aos 21 anos, mudou-se para Viena, e por duas vezes tentou entrar para a Academia de Belas Artes, para estudar pintura e arquitetura, não obtendo êxito nas tentativas (FRAZÃO, 2017a). Seu pai era contra suas aspirações artísticas, preferindo que suas inclinações fossem na área dos negócios.

No ano de 1913, Hitler mudou-se novamente, dessa vez para Munique, onde em agosto de 1914, alistou-se no Regimento de Infantaria do Exército alemão, para que assim pudesse defender a Alemanha na Primeira Guerra Mundial, mesmo sendo de nacionalidade austríaca. Tornou-se cabo do 16º Regimento de Infantaria

de Reserva Bávaro. Neste mesmo ano, Hitler foi condecorado com a Cruz de Ferro, pela sua bravura. Com o final da Primeira Guerra passou a trabalhar na sessão de imprensa e propaganda do Quarto Comando das Forças Armadas (FRAZÃO, 2017a).

Com a derrota política sofrida pela Alemanha na Primeira Guerra, em 1918, e com o fim do regime monárquico, se instalou na Alemanha uma República, na qual surgiram diversos novos partidos, principalmente aqueles que eram contrários ao governo. Por sua vez, Hitler ficou extremamente transtornado, pois segundo Frazão (2017a), ele culpava os líderes civis e marxistas, acreditando que houve uma traição da parte deles para com o exército alemão.

Em setembro de 1919, Hitler compareceu à sua primeira reunião do *Deutsche Arbeiterpartei*<sup>10</sup>, um movimento fundado por Karl Harrer, um jornalista esportivo, e por Anton Drexler, um mecânico ferroviário. Para Ryback (2009), foi durante uma palestra de Gottfried Feder<sup>11</sup>, que substituíra Dietrich Eckart, que Hitler, então ouvinte, se pronunciou contra o palestrante, que defendia a criação de um estado austríaco-bávaro. Hitler debateu com Feder, que foi embora logo após o discurso. Naquela mesma noite ele recebeu de Drexler um folheto político intitulado *Meu despertar político: do diário de um trabalhador socialista alemão*, onde o mesmo expressava seu desejo de mudança e principalmente seu convertimento ao nacionalismo radical (RYBACK, 2009).

Após a leitura do texto, Hitler percebeu semelhanças nos ideais políticos de Drexler, com os seus próprios. Nos dias que se passaram o Partido dos Trabalhadores Alemães, enviou um cartão postal a Hitler, o convidando para filiar-se ao Partido. Não fazendo parte de nenhuma aspiração política, porém já possuindo o desejo de tornar-se político, afiliou-se ao Partido. Desse ponto em diante, Hitler começou a participar das reuniões. Na sua segunda reunião conheceu o homem, que viria a se tornar um dos seus maiores influenciadores: Dietrich Eckart.

Dietrich Eckart tornou-se mentor e grande admirador de Hitler, que, segundo ele, era o “Esse homem é o futuro da Alemanha. Um dia o mundo inteiro estará falando sobre ele.” (RYBACK, 2009, p. 52). Mas Eckart foi também uma figura paternal para Hitler, foi ele quem deu as principais instruções para a iniciação de Hitler como escritor e ainda publicou seus primeiros ensaios. “Eckart moldou a argila

---

<sup>10</sup> Partido dos trabalhadores alemães.

<sup>11</sup> Autor do livro “A escravidão dos juro”, obra que Hitler havia lido naquele ano.

maleável do mundo intelectual e emocional de Hitler.” (RYBACK, 2009, p. 52). Quando Eckart e Hitler se conheceram este tinha 31 anos e estava começando sua inserção na política de Munique, o outro, já possuía mais experiência e muita influência nos cenários políticos de toda a Alemanha, tanto que foi o homem que mais teve influência na vida social de Hitler. Ambos compartilhavam um ódio demasiado pelo povo judeu e buscavam uma “limpeza racial” no país, fato que uniu ainda mais os dois, principalmente no meio político.

Apesar de possuir, uma excelente oratória e ser muito bom em manipulação e propaganda, eram visíveis as limitações de Hitler, principalmente com a escrita. Em 1921 ocorreu a primeira crise na carreira política de Hitler. No ano anterior ele havia conseguido um cargo de liderança do partido, derrubando o então presidente e fundador Karl Harrer, e isolando Anton Drexler também fundador. Entretanto, Drexler estava tramando pelas costas de seu “líder”, tentando uma fusão de partidos e contando com o apoio de Otto Dickel, professor de filosofia da Universidade de Augsburg, que assim como Hitler possuía uma excelente oratória. No entanto, Hitler deixou a escola de nível médio, porém diferente deste, Dickel tinha uma educação formal muito mais qualificada. Segundo Ryback (2009), após uma viagem, para arrecadar fundos adicionais para o “*Völkischer Beobachter*”, jornal do partido nazista, Hitler descobriu que não só Drexler estava armando a fusão, como também convidou Dickel para falar à liderança reunida do partido. Ao chegar na sede do partido e se deparar com a cena, Hitler enfureceu-se, tentou interromper a fala de Dickel, com protestos e explosões emocionais. Percebendo que não teve apoio nem mesmo de Eckart, Hitler abandonou a sala de reuniões (RYBACK, 2009).

Após a saída súbita de Hitler, Dickel permaneceu expondo suas ideias para o partido, e com isso naquela noite os líderes do partido nazista chegaram uma clara conclusão:

Que Dickel realmente tinha capacidade de fornecer a visão de mundo e a liderança que o Partido Nazista precisava na época e, mais importante, que Hitler, “como um homem simples, apesar de sua diligência”, não estava à altura de liderar o movimento. (RYBACK, 2009, p. 79).

Estima-se que talvez por suas deficiências acadêmicas terem de alguma forma o atrapalhado, Hitler tinha uma predileção insaciável pela leitura, mesmo antes de se tornar líder político, gostava muito de ler na pequena biblioteca de seu pai. Os livros foram seu suporte, mesmo que eles incentivassem sua fúria racista.

Hitler decidiu ler a obra de Dickel, *Ressurgimento*. Inicialmente a ideia surgiu como vingança, contra Dickel. Mas ao esmiuçar página por página, Hitler buscava por incoerências e contradições, preparando uma lista das “transgressões ideológicas, raciais e políticas de Dickel.” (RYBACK, 2009, p. 80). Após a leitura Hitler foi ao encontro dos demais líderes do partido e perguntou como eles podiam “ousar confiar”, num homem capaz de escrever tais coisas (referindo-se ao fato de Dickel enaltecer uma forma mais moderada de antissemitismo, propondo que a economia alemã fosse deixada nas mãos dos judeus). Conforme Ryback (2009), Hitler utilizou as seguintes palavras para reprimir seus colegas de partido: “Acuso o partido de não se dar ao trabalho de ler integralmente, e muito menos estudar, as obras de um homem a quem estão concedendo tamanha influência no movimento”. Com isso, Hitler deixou seu cargo no partido, com as palavras: “Não posso e nem quero mais integrar tal movimento.” (RYBACK, 2009, p. 81).

Com a saída de Hitler, uma crise se instaurou no Partido Nazista, e mais uma vez a liderança se viu dividida entre: “Hitler, com a sua comprovada capacidade de incitar massas, e Dickel, com sua promessa de liderança visionária.” (RYBACK, 2009, p. 81). Entretanto, existia a certeza de que o primeiro não ficaria parado e que logo daria início a manobras, para criar um novo partido, que atrairia muitos seguidores, um truque que possivelmente poderia ser o fim do Partido Nazista, fato que já havia acontecido com outros partidos e sindicatos ainda naquele ano (RYBACK, 2009). Com medo de que aquilo de fato acontecesse, Drexler designou a Eckart a missão de trazer Hitler de volta ao Partido. Em 13 de julho de 1921, o então amigo e conselheiro de Hitler, foi atrás de seu pupilo, ainda que a amizade dos dois estivesse abalada pelo fato de Eckart ter permanecido na sala de reuniões durante a palestra de Dickel, o que enfureceu Hitler. Entretanto, o homem não apresentou resistências para tal conversa, todavia postulou algumas condições para sua eminente volta:

A convocação imediata de uma reunião dos filiados em oito dias, a partir de hoje, com a seguinte agenda: a liderança atual do partido renunciará e, com novas eleições, exigirei a posição de presidente para mim mesmo, com poderes ditatoriais para criar imediatamente um comitê de ação que irá depurar de modo implacável o partido dos elementos estranhos que nele penetraram. (RYBACK, 2009, p. 81).

A partir de agosto deste mesmo ano, o partido concedeu a Hitler poderes ditatoriais e em 10 de setembro ele assume a presidência do partido e expulsa seu

inimigo Dickel da estrutura partidária. Em 1923, após fracassar em uma tentativa de golpe em Munique, Hitler foi condenado a cinco anos de prisão. No entanto, cumpriu apenas oito meses e usou deles para escrever a primeira parte de seu livro *Mein Kampf*, onde expressava os principais fundamentos do nazismo, ditando-o para Rudolph Hess (FRAZÃO, 2017a). O livro escrito por Hitler, pode ser considerado um manifesto político no qual ele explicava a necessidade de a Alemanha se rearmar, lutar pela autossuficiência econômica, principalmente após ao Tratado de Versalhes, suprimir o sindicalismo e o comunismo, e exterminar a minoria judaica. No livro, mesmo sem citar nomes, Hitler fala de forma pejorativa sobre os “intelectuais”, fazendo uma referência a Dickel.

Hitler, que usava de seu talento oral para fazer propaganda para o partido nazista, tornou-se chanceler da Alemanha em janeiro de 1933, encerrando assim a democracia alemã. Em março do mesmo ano, Hitler proclama a criação do Terceiro Reich. Sabendo da importância das propagandas, que ainda tinham o intuito de “preparar o povo para a guerra”, e persistindo na ideia de supremacia racial, com a intolerância aos judeus, negros, comunistas, essas campanhas ainda tinham o real propósito de gerar e testar a lealdade política do povo e dos envolvidos no partido.

A propaganda política busca imbuir o povo, como um todo, com uma doutrina... A propaganda para o público em geral funciona a partir do ponto de vista de uma ideia, e o prepara para quando da vitória daquela opinião'. Adolf Hitler escreveu tais palavras em 1926, em seu livro *Mein Kampf*, no qual defendia o uso de propaganda política para disseminar seu ideal de Nacional Socialismo [...] (A PROPAGANDA..., 2018).

Com a chegada de Hitler ao poder logo houve grandes mudanças para o povo alemão, a começar por uma política de "sincronização", segundo a qual todas as organizações, governos estaduais e partidos políticos eram obrigados a se alinharem ao partido nazista e com isso colocando-as sob sua liderança (O GOVERNO..., 2018). Dessa forma, o partido nazista passou a ser o único partido político legitimado na Alemanha, e o *Reichstag*<sup>12</sup> permanecia ativo apenas para apoiar a ditadura estabelecida por Hitler.

Em agosto de 1934, com uma sucessão de golpes, atos ilegais, assassinatos, com a morte do então presidente alemão Paul von Hinderburg e a união dos poderes de presidente e chanceler, Adolf Hitler adota oficialmente o título de Fuhrer

---

<sup>12</sup> Parlamento alemão.

alemão<sup>13</sup>, tornando-se então chefe de estado e do governo, comandante supremo das forças armadas (FRAZÃO, 2017a). Durante doze anos Hitler disseminou o ódio e, junto de seus companheiros políticos dando início ao massacre daqueles que eram considerados inimigos em meio ao conceito de higiene racial, causando a morte de: “[...] 11 a 14 milhões de pessoas, incluindo 6 milhões de judeus, o que representava dois terços da população semita da Europa.” (ADOLF Hitler, 2018).

Sua conduta racista mostrava que ele acreditava ser um homem superior aos outros, tanto que ficou obcecado pela sensação de superioridade, de ditar as regras. “Hitler foi considerado o estadista idôneo para resgatar a autoestima coletiva, e suas perseguições contra a oposição o converteram um líder temido.” (BAEZ, 2006).

Pouco se sabe sobre a morte de Hitler. Consta que tratou-se de um suicídio. Em abril de 1945, Hitler casou-se com sua então namorada Eva Braun, em uma cerimônia simples, no civil em Berlim. Todavia, logo após o casamento, Hitler, com medo dos ataques aéreos dos Aliados, cometeu suicídio ao lado de Braun e de Joseph Goebbels, a esposa e os filhos dele (A MORTE, 2014, p. 59).

### 2.3 O CONCEITO DE CENSURA

A censura não é uma temática nova, pelo contrário ela possui um histórico remotíssimo, estando sempre ligada a questões religiosas, políticas ou morais. Em épocas ditatoriais a censura foi utilizada como um instrumento de poder, onde o líder maior, o ditador, “dita” o que podia ser lido, ou não, chegando ao ponto crucial de destruir livros e bibliotecas para impedir que a população tenha acesso às informações fornecidas por eles. Ela se refere ao poder monopolizado pelo Estado, e não acontece exclusivamente em bibliotecas. Segundo Lima e Bastos (2010) a censura impede a presença dos livros em acervos públicos e por consequência o acesso de alguns livros que sofreram censura em períodos históricos.

A censura também é um estado de dominação dos governantes para com os governados, sendo assim ela pode ser considerada como “[...] um esforço por parte de um governo, organização, grupo ou indivíduo de evitar que as pessoas leiam, vejam ou ouçam o que pode ser considerado como perigoso ao governo ou prejudicial à moralidade pública [...]” (VERGUEIRO, 1987, p. 22).

---

<sup>13</sup> Líder ou chefe (tradução da autora).

Segundo Barreto Filho<sup>14</sup> (1941, p. 49 *apud* GOMES; CASADEI, 2010, p. 59), a censura pode ser conceituada, como um propósito de:

- a) garantir a ordem e a segurança pública;
- b) não permitir cenas ofensivas a instituições nacionais e estrangeiras;
- c) evitar manifestações que contenham ultraje a qualquer credo religioso.

O autor ainda afirma que a partir dessas conceituações podem se estabelecer quatro campos temáticos de incidência da censura:

- a) Censura de ordem moral, pela qual se entende a proibição de palavrões, de termos relacionados a sexo e erotismo, enfim, no próprio dizer dos censores e dos órgãos de censura, de palavras que firam os "bons costumes".
- b) Censura de ordem política, sob a qual se abrigam as proibições de expressões que possam implicar crítica ao governo, à Nação e a suas relações internacionais.
- c) Censura de ordem religiosa, compreendendo a proibição de termos críticos ou ofensivos a uma igreja, assim como aos seus santos e representantes temporais.
- d) Censura de ordem social, sob a qual se enquadra a proibição de alusão "a questões sociais polêmicas como racismo, preconceito étnico e xenofobia" (Barreto Filho, 1941, p.49 *apud* GOMES; CASADEI, 2010, p.59).

Através de toda a Antiguidade a censura existiu e perdura ainda no século XXI. Estima-se que há 55 séculos se destroem livros, e pouco se conhece sobre as razões. "Alguns acreditam que eliminando os vestígios do pensamento de uma determinada época, estariam promovendo a superação do conhecimento humano." (BAEZ, 2003). Milton, na *Areopagítica*, de 1644, já delineava os principais argumentos sobre a inaceitabilidade da censura prévia, questionando os métodos empregados pelos estadistas para coibir a disseminação de informações que seriam opostas aos seus interesses, questionando a legitimidade dos atos estatais que estabelecem censura à publicação e circulação de impressos (SEELAENDER, 1991b). O livro de Milton é considerado o arcabouço arqueológico do direito à informação, pois, segundo o discurso de Milton, a censura mata a liberdade. Em sua

---

<sup>14</sup> BARRETO FILHO, M. **Diversões Públicas**: Legislação-Doutrina: Prática Administrativa. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Editor, 1941. 182 p.

tese principal Milton sustenta que ao destruir um livro, se destrói nele a racionalidade que ele representa. Para Baez (2006), o livro não é destruído apenas como um objeto físico, e sim, como um vínculo de memória.

O que se destaca ao explicar sobre a censura, que culminava na destruição dos livros, são as diversas vezes que ela já aconteceu ao longo dos séculos, se formos analisar desde o mundo Antigo. Os primeiros livros feitos de Argila, na Suméria, onde segundo Baez (2006), apareceram os primeiros indícios da existência de livros, a destruição vem por meios naturais, mas principalmente pelo homem. Todavia, antigamente ela não era mascarada, mas sim explícita, pois, os soberanos que faziam uso dela, queriam que o povo soubesse quem era a lei, e por isso não existia uma "censura", propriamente dita, como compreendemos o conceito atualmente. Em seus estudos, Baez (2006) afirma que não só homens ignorantes ou perversos destruíam livros, mas também grandes filósofos, eruditos e escritores. Segundo o autor, "Os principais destruidores de livros sempre tiveram como maior motivação o desejo de aniquilar o pensamento livre. Os conquistadores atribuíam à queima da biblioteca do inimigo a consagração de sua vitória." (BAEZ, 2006, p. 9).

Factualmente foi no âmbito religioso, que se estabeleceu o primeiro propósito da censura. Oriunda da Grécia, a censura no Ocidente Medieval foi imposta pela Igreja Católica e se materializou no famoso rol de livros proibidos, o *Index Librorum Prohibitorum*<sup>15</sup> (VERGUEIRO, 1987). Publicado em julho de 1559, pela Sagrada Congregação da Inquisição Romana, durante o papado de Paulo IV, o *Index* era uma lista de livros proibidos pela Igreja Católica, os quais supostamente continham heresias, que foi criado com o intuito de conter o protestantismo. "Ao longo dos 400 anos que durou a proibição, a lista de obras condenadas foi tornando-se cada vez mais longa." (JACOBSEN, 2016).

Exercida mais em termos políticos, na Grécia Antiga, os *censores*<sup>16</sup> usavam de poder para reprimir o povo. Os detentores do poder acreditam firmemente no poder da escrita afirma Manguel<sup>17</sup> (1997, p.313-315 *apud*, COSTA; GERMANO, 2012, p.148), que quanto mais se aprende, mais se sabe, e se o povo aprende, vê o que está errado e passa a lutar pelos seus direitos de cidadão, que incluem, nos

---

<sup>15</sup> Índice de livros proibidos.

<sup>16</sup> Na Roma Antiga, o termo censor era designado aos magistrados que faziam o recenseamento além de levantar dados quanto aos indivíduos e propriedades, também estipulavam os direitos e deveres de cada classe social, possuindo, por isso, grande poder (VERGUEIRO, 1987).

<sup>17</sup> MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

dias atuais, a liberdade a informação. Por esse motivo, a censura traçou caminhos preocupantes em seu processo de privar o povo de “saber”: “[...] a alfabetização, por muito tempo, foi considerada uma ameaça e proibida entre escravos e camadas subalternas da sociedade” (COSTA; GERMANO, 2012). Nesses casos o povo não foi apenas proibido de ler, mas sim de aprender, de ter seu início na leitura, de se formar leitor e saber o que de fato está ocorrendo em períodos totalitários. No entanto para aqueles que conseguiram ser alfabetizados o livro, ou a figura que ele representa, como objeto de transformação, simboliza a ameaça do conhecimento. As relações de poder dessa vez vinculadas ao saber são aquelas que levam os ditadores a reagir de maneira autocrata, pois:

Se a leitura não pode ser desaprendida, o recurso mais apropriado para impedir sua circulação é limitar seu alcance. Por isso, a censura tornou-se um poderoso instrumento da repressão em regimes autoritários, nos quais a invasão de bibliotecas e o uso de classificação do que poderia e não poderia ser lido passou a ser uma característica efetiva. (COSTA; GERMANO, 2012)

Quando se fala em censura política se entende, que ela é praticada através de um governo totalitário, que se trata de movimentos que são contrários à democracia, pois tal governo exerce um alto controle sobre a vida da população, seja ela em âmbito público ou privado. “O totalitarismo no poder usa a administração do Estado para seu objetivo a longo prazo [...]” (ARENDDT, 2011, p. 531).

“A censura política é realizada pelos detentores do poder ditatorial que sufoca as ideias libertarias, só autorizando a divulgação de fatos e ideias que se compatibilizem com a sua ideologia.” (GÊNOVA, 2012, p. 56). Segundo o mesmo autor ainda existe a censura judicial, ou posterior que: “[...]consiste em impedir, via poder judiciário, a divulgação de notícias que ameacem ou atinjam direitos individuais garantidos pela constituição, como a honra, a imagem e etc.” (GÊNOVA, 2012, p. 58).

A censura tem um modo de funcionamento que pode exibir uma ampla forma de apresentação, pois ela não é “[...] monolítica e extrapolava em muito o controle da difusão de escritos tidos como perigosos do ponto de vista político, religioso e moral.” (ABREU, 2007, p. 1). A autora explana sobre a censura exercida em Portugal no início do século XVI. Ela apresenta a “profissão” de censor, e explica como eles cumpriam suas tarefas, fazendo reuniões periódicas a fim de expor a sua opinião acerca da leitura dos manuscritos (que, no caso, buscavam licença para

impressão), mas por outro lado apesar de ser considerada uma tarefa árdua, era também muito concorrida, pois o trabalho era muito bem remunerado e prestigiado pela população (ABREU, 2007).

### 3 METODOLOGIA

Este trabalho apresenta uma pesquisa que foi abordada de forma qualitativa, utilizando fontes bibliográficas, pois foi embasada na história da queima dos livros e das leituras de Hitler. Seu foco maior foram as leituras sobre o tema principal e seus contornos históricos. A pesquisa bibliográfica se consolidou em fontes constituídas por materiais já elaborados, que segundo Fonseca (2002, p. 32), seriam livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. Com base nos objetivos da pesquisa ela é exploratória, pois a partir dela pudemos ter mais familiaridade com o tema

Os dados foram coletados a partir de pesquisas bibliográficas. Com relação a temática que permeia o trabalho (Adolf Hitler e o Nazismo) existem diversos materiais para pesquisa, através de: livros, revistas, artigos e jornais que serviram como uma base indispensável para a obtenção das informações. Acerca da temática sobre a censura não houve tanta diversidade, mas ainda assim, um número consideravelmente suficiente para as necessidades do trabalho.

No que diz respeito ao problema do trabalho que seria relacionar os livros que pertenciam ao acervo de Hitler com os livros queimados durante a Segunda Guerra Mundial, a diversidade de materiais obtidos foi menor. No entanto com os poucos materiais aos quais tivemos acesso, nos auxiliaram para um estudo proveitoso, na elaboração do desenvolvimento deste trabalho.

Para que fosse possível a realização do trabalho, foram organizadas as seguintes linhas de raciocínio. O referencial teórico apresenta:

- a) A história de Adolf Hitler;
- b) o nazismo;
- c) a conceituação de censura.

O desenvolvimento do trabalho foi dividido da seguinte forma:

- a) A biblioteca de Hitler, suas inspirações a partir das leituras, os livros que foram presentes de intelectuais, o destino dos livros após a sua morte.
- b) A destruição dos livros durante o período nazista, o papel dos bibliotecários perante a censura, incluindo-se o papel do ministro Joseph Goebbels que foi considerado o cérebro de todo o movimento em torno da destruição livresca.

- c) Quais livros identificados nos acervos de três bibliotecas particulares de Hitler constam de listas de livros censurados para a população.

Após pesquisas no catálogo *online* da UFRGS, e busca em base de dados como BRAPCI e LUME, Blog da Biblioteca Central da UFRGS, a internet foi muito importante para a construção do presente trabalho. O livro *A história da destruição das bibliotecas* foi encontrado via internet e utilizado por meio de E-book (BAEZ, 2006) que nos proporcionou não apenas um entendimento sobre a queima dos livros pelos nazistas, mas também um conteúdo sobre as demais destruições e censuras pregadas desde a Antiguidade.

O trabalho de conclusão com autoria de Paula Brasil (2016), que possui temática semelhante, nos auxiliou a explorar várias referências que contribuíram em nossas pesquisas. Especificamente por meio desse TCC<sup>18</sup>, foi encontrado o *site United States Holocaust Memorial Museum*, um *site* criado a partir do Museu localizado em Washington, dedicado ao Holocausto. Devido à ocorrência de pesquisas anteriores naquele *site*, percebeu-se que é um *site* com razoável confiabilidade, onde foi possível coletar diversas informações. Também foi utilizado o *site* do canal fechado *HistoryChannel*, no qual foi possível obter informações mais detalhadas sobre a vida de Hitler.

Um livro assumiu importância marcante para este trabalho: *A biblioteca esquecida de Hitler*, no qual Timothy W. Ryback (2009) explanou sobre as leituras do Führer em diferentes épocas de sua vida, apresentando os livros que serviram de referência tanto para escrever *Mein Kampf*, quanto para auxiliá-lo em sua vida pessoal e como principal líder do Nazismo. Tal livro foi fundamental tanto para a elaboração do referencial teórico sobre Hitler, quanto na sessão *As Bibliotecas de Hitler*, tendo sido ele a fonte mais utilizada para ambas seções.

A *Enciclopédia Barsa* (NACIONAL socialismo, 2007) trouxe inúmeras informações que foram fundamentais para a realização das pesquisas referentes ao período histórico estudado. O livro *Dicionário da História do Mundo* auxiliou nas pesquisas condizentes ao Holocausto, Nazismo, Adolf Hitler e também sobre alguns dos líderes nazistas que deram suporte político ao ditador, e as polícias nazistas como a AS e aSS. A biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

---

<sup>18</sup> BRASIL, Paula. **O bibliocausto nazista: a destruição de livros judaicos durante o terceiro Reich.** Trabalho de conclusão de curso. 2016. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR, 2016.

(FABICO), a biblioteca pública da cidade de Novo Hamburgo e a Biblioteca do Colégio Marista São Marcelino Champagnat, contribuíram com materiais didáticos, enciclopédias, livros, artigos, jornais e revistas que corroboraram para a fundamentação teórica do mesmo que foi referência para o estudo da temática escolhida.

Das ilustrações que constam no trabalho, duas foram retiradas do *site* Roteiros literários através da pesquisa “A grande queima de livros”, outra ilustração foi retirada do *site* Seuhistory e as duas outras fotos que se tratam do filme “A menina que roubava livros” foram retiradas do YouTube.

Para a organização os conteúdos o trabalho apresenta um referencial teóricos que proporcionasse ao leitor um entendimento sobre o período histórico que permeiam os acontecimentos estudados. O desenvolvimento do trabalho abrangeu duas questões: As bibliotecas de Hitler e a destruição dos livros no governo nazista, tendo como intuito verificar a existência de livros que pertenceram ao ditador e que foram censurados. Quando estudamos as bibliotecas de Hitler, foram observados os livros que serviram de referência para moldar a personalidade de Führer alemão bem como a importância deles para a ascensão política de Hitler. Nos estudos sobre a destruição dos livros, investigamos a transição cultural que houve no país a partir do momento que o partido nazista toma a frente e começa a governar a Alemanha. Apontamos alguns países europeus que foram afetados pela censura e que também tiveram seus centros de informação destruídos. Também fala de Joseph Goebbels, líder nazista ao lado de Hitler, que comandou as queimas de livros e instaurou uma nova política cultural no país. O trabalho apresenta os apêndices A e B onde é possível encontrar uma lista parcial dos livros que supostamente fizeram parte do acervo de Hitler (A) e outra lista que mostra os autores censurados pelos nazistas (B).

#### 4 A BIBLIOTECA DE HITLER

Adolf Hitler pode não ter sido um homem com formação acadêmica formal, mas possuía um grande interesse pela leitura. Suas buscas pelos livros começaram ainda na infância, com as obras que faziam parte da pequena biblioteca particular de seu pai. Mais tarde fez uso da leitura, que ajudou a “moldar” sua personalidade. Uma das primeiras aquisições de livros por Hitler deu-se quando ele ainda era apenas um dos Cabos do 6º Regimento de Infantaria de Reserva Bávaro. A obra era *Berlin*, de Max Osborn, que tratava de um guia arquitetônico e cultural da cidade. Osborn ficou conhecido na Alemanha por ser um distinto crítico de arte alemão, famoso por seus comentários irreverentes sobre cultura. Entretanto Osborn era judeu e acabou partindo para os Estados Unidos, entrando para a lista dos autores proibidos, tendo seu livro censurado e incinerado junto de várias outras obras.

Segundo Ryback (2009), a biblioteca representava para Hitler a primavera das musas, uma fonte metafórica de conhecimento e inspiração. Os livros foram muito importantes na vida de Hitler, tanto na sua vida pessoal, como homem interessado nas artes, nas peças teatrais, como do político ditador, que censurou e mandou destruir milhares de livros que ele e seus apoiadores consideram impróprios. O líder nazista “[...] extraiu muito dos livros, aplacando suas inseguranças intelectuais e alimentando as suas ambições fanáticas [...]” (RYBACK, 2009, p. 11). Estima-se que até o final de sua vida Hitler possuía cerca de 16 mil obras distribuídas em suas três bibliotecas particulares. Entre os volumes, era possível encontrar primeiras edições das obras de filósofos, poetas e dramaturgos, historiadores e romancistas (RYBACK, 2009). As bibliotecas contavam também com obras como *Dom Quixote*, *Robinson Crusóé*, *A Cabana do Pai Tomás*, *As Viagens de Gulliver*. As obras completas de William Shakespeare, publicadas em um volume na tradução alemã em 1925 também podiam ser lá encontradas.

O volume inclui: *Como gostais*, *Noite de reis*, *Hamlet* e *Troilus* e *Créssida*. O conjunto inteiro está encadernado em couro marroquino filetado a mão, com uma águia estampada em ouro, flanqueada pelas iniciais do nome de Hitler na lombada. [...] Hitler mantinha a sua coleção no escritório do segundo andar de seu alpino no Sul da Alemanha perto de Berchtesgaden. (RYBACK, 2009, p. 12).

Hitler lia muito e de tudo. Ryback (2009) considera que ler era uma autoimposição que se dava em grande parte era para suprir sua insegurança

intelectual, uma vez que deixou a escola aos quinze anos. Mas acima de tudo o Führer usava os livros para buscar ideias, palavras novas para que assim pudesse enfrentar seus inimigos políticos que ele considerava intelectuais, por ter uma formação acadêmica formal mais completa do que a sua. Hitler buscava ler as obras escritas por tais “intelectuais” para encontrar possíveis erros e assim atacá-los, assim como fez com Otto Dickel, para expulsá-lo no início do partido nazista. Para Ryback (2009), existia a preocupação por parte de Hitler em conhecer como pensavam seus inimigos, e a partir disso fazia leituras de obras que falassem sobre estratégias militares, sobre guerras, com foco especial nas ocorridas durante os séculos XIX e XX. Mesmo durante a Segunda Guerra, os livros continuaram sendo guias para o Führer, afirma Ryback (2009).

Ainda que saibamos que os livros foram um “apoio” para Hitler durante muitos anos, Roiz (2010) aponta as dificuldades para afirmar que os livros podem moldar a personalidade de um indivíduo, pois segundo ele não é possível examinar detalhadamente como tudo foi aprendido para assim modular uma personalidade. No entanto para Walter Benjamin<sup>19</sup> (1969 *apud* RYBACK, 2009, p. 14):

Dá para saber muita coisa sobre um homem pelos livros que ele mantém: seus gostos, seus interesses, seus hábitos. Os livros que guardamos e os que descartamos os que lemos e os que decidimos não ler, dizem algo sobre quem somos.

Após a sua primeira aquisição, os livros passaram a ser os presentes preferidos do Führer. *Peer Gynt* foi presente de Dietrich Eckart, tratava-se de uma peça teatral escrita pelo dramaturgo norueguês Henrik Ibsen em 1867, com cinco atos e em versos. A obra foi fundamental para o crescimento pessoal de Eckart, que encarou a peça com familiaridade ao se identificar com as aventuras e ambições do protagonista da história. Adaptou a peça para ser apresentada nos teatros de Berlim, fato com qual sentiu-se orgulhoso (RYBACK, 2009). Em 1921, Hitler recebeu um exemplar que fazia parte do acervo de Eckart, que considerou a identificação de Hitler, com a obra. No entanto, o Führer não possuía um conhecimento muito rico sobre a peça/livro, quando foi apresentado para Eckart em 1919, obtendo mais informações ao assistir à peça ao lado do próprio Eckart, no mesmo ano em que ganhou seu exemplar. Na contracapa Ryback (2009) afirma existir uma dedicatória

---

<sup>19</sup> BENJAMIN, Walter. Unpacking my library: a talk about book collecting. In: ARENDT, Hannah (org.). **illuminations**. Trad. Ingles Harry Zohn. Nova York: Schocken Books, 1969.

de Eckart para se pupilo: “ao meu querido amigo Hitler”. Após muitas pesquisas e conversas, Ryback (2009) afirma que Peer Gynt foi um dos livros que serviram como influência para o Führer, principalmente por se tratar de uma obra tão importante para seu mentor. Não por acaso o presente foi entregue dias após Hitler ser considerado plena autoridade no Partido Nazista (RYBACK, 2009).

Em 1921 após assumir a liderança majoritária do partido, Hitler instituiu uma lista de livros obrigatória para os membros do partido “[...] os títulos parecem ter sido coletados das incursões intelectuais de Hitler no Instituto Nacional-Socialista e de textos obtidos do círculo imediato de companheiros.” (RYBACK, 2009, p. 84). As obras impostas na lista são:

- três livros de Gottfried Feder sobre a escravidão dos juros, reforma fiscal;
- seis obras de Alfred Rosenberg, incluindo *Sinais dos judeus no decorrer do tempo*, *Amoralidade do Talmude* e *Sionismo como inimigo do Estado*;
- um comentário detalhado dos 25 pontos do Partido Nazista, *essências, princípios e objetivos Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores*;
- uma coletânea de poemas de Dietrich Eckart;
- *O judeu internacional: o principal problema do mundo*, de Henry Ford, tratado antissemita.

Em novembro de 1923, após uma tentativa de golpe contra o Estado, Hitler foi preso. O encarceramento se deu no centro de detenção em LandAberg am Lech, que segundo Ryback (2009), mais parecia um falso castelo medieval, com torres gêmeas e um pátio interno para caminhadas, mas a ala na qual Hitler sempre estava presente era a biblioteca. Como político radical de direita o Führer ainda desfrutava de um status especial. A começar pelo corte de energia que acontecia todas as noites, que foi revogado para permitir que Hitler, pudesse manter seus hábitos de leitura noturna, em seu livro de memórias Hans Kallenbach<sup>20</sup> (1939 *apud* RYBACK, 2009, p. 91), aponta que:

Uma única luz permanecia acesa, geralmente até altas horas da noite, e era a lâmpada do quarto do Führer [...] Naquelas horas noturnas solitárias Adolf Hitler se debruçava sobre seus livros e papéis e planejava a ressurreição da

---

<sup>20</sup> KALLENBACH, Hans. **Mit Adolf Hitler auf Festung Landsberg**. Munique: Verlag Kress e Hornung, 1939. Localização: BDC.

Alemanha [...] e nessa atmosfera confortável e cortês, o célebre prisioneiro se preparou para escrever um livro.

Ao escrever *Mein Kampf* Hitler pretendia dar início apenas a um acerto de contas, com aqueles que o denunciaram e apoiaram a sua prisão. No entanto, ao começar a redigir as memórias sobre sua prisão, o livro acabou se tornando uma autobiografia, traçando a história de sua carreira na política e sua ascensão no Partido Nazista. “Conquanto a vingança certamente a força propulsora inicial por trás da decisão de Hitler de escrever um livro, o fator financeiro também desempenhou um papel.” (RYBACK, 2009, p. 92). Isso porque os gastos com honorários para sua libertação custaram caro, e as preocupações com o âmbito financeiro tomaram conta dos pensamentos dos Führer. Segundo Ryback (2009), ele esperava que com o lançamento do livro e sua venda, o valor arrecadado pudesse suprir as suas obrigações financeiras. Mas os problemas para encontrar uma editora disposta a publicar a obra não foram tão simples. Mesmo que tivesse vários contatos, muitos não acreditavam no sucesso do livro. Após muitas discussões a editora do Partido Nazista *Franz Eher Verlag*, concordou em publicá-lo.

Muito se especulou sobre o referencial utilizado por Hitler em seu livro, ficando claro que, sozinho ele não teria tal pensamento teórico, uma vez que narrou o livro para seus aliados que o visitavam na prisão, por não possuir os fundamentos básicos de ortografia e gramática. Ainda assim zombou do Estado, ao dizer que sua estada na penitenciária foi uma “formação superior à custa do Estado”, afirmando que dispunha de mais tempo livre para pôr em dia as suas leituras atrasadas. (RYBACK, 2009). Segundo o autor:

Dentre as leituras de prisão de Hitler, o livro que deixou uma marca intelectual observável em *Mein Kampf* é uma cópia bem manuseada de *Um perfil racial do povo alemão*, de Hans. F. K. Günther, conhecido como “Günther racial” devido aos pontos de vista fanáticos sobre pureza racial. Hitler incluiu esse livro na lista de leituras recomendadas para os nacional-socialistas. (RYBACK, 2009, p. 97).

Em suas leituras eram encontrados muitos livros antissemitas, outra obra que serviu como referência para Hitler foi *O judeu internacional* de Henry Ford, outro livro que fazia parte das leituras nazistas, pois segundo o próprio líder nazista, ele narra em seu livro que foi a partir do tratado antissemita de Ford, que suas inclinações contra o povo judeu ficaram mais fortes. Hitler possuía um retrato de Ford em uma das paredes de sua casa, tamanha era sua admiração pelo autor. Em 1926, Hitler

começou suas incursões literárias com obras referentes à Primeira Guerra Mundial. Começou por *Fogo e Sangue* de Ernest Junger, livro que o Führer recebeu do próprio autor com uma dedicatória pessoal. O livro apresentava as memórias de Junger, no qual ele descrevia as reações dos homens diante do extermínio de soldados durante a guerra. Esse livro foi fundamental para Hitler escrever a segunda parte de *Mein Kampf*.

Ao completar 39 anos, Hitler foi presenteado com uma edição encadernada de 105 páginas, de *A crença alemã de Fichte*, escrito por Maria Grunewald. No entanto, o presente foi dado por Theodor Lühr, com dedicatória ao “venerado Führer”. Lühr tinha prestígio por ser marido de Maria Lühr, uma hábil encadernadora de livros com oficina em Berlim. O livro foi importante para Hitler ao lhe dar ideias para escrever mais um livro. Todavia o Führer interpretou as palavras de Grunewald de forma errônea. Enquanto a autora expõe uma filosofia calcada em uma evolução que vai além do mundo material, indo de encontro a um domínio espiritual e finalmente, uma união com Deus, Hitler, ao contrário, desvia para a ética implacável do darwinismo, que luta pela existência e sobrevivência do mais forte e dos mais aptos.

Quando o sentimento de posse sobre os livros tomou conta dos pensamentos de Hitler, sua pequena biblioteca localizada em seu apartamento (pequeno, segundo Ryback) começou aos poucos a crescer. Adquiriu uma estante para organizar os volumes, que foi ficando abarrotada, o que levou à necessidade de uma nova aquisição para a guarda das obras. Na ocasião em que ambas atingiram lotação, o Führer passou a manter suas novas aquisições sobre caixas, que iam se acumulando em pilhas de forma precária. Hitler considerava seus livros um dos maiores bens que possuía, chegando a listá-los, na sua declaração de imposto de renda durante anos, sendo os livros uma das maiores deduções fiscais do Führer. Foi após 1933, que o fluxo constante de livros na biblioteca de Hitler tornou-se uma enxurrada. Após analisar as obras “sobreviventes” de Hitler, Ryback (2009, p. 127) afirma ter encontrado:

Numerosas memórias de colegas veteranos que haviam enviado a Hitler relatos pessoais de serviço militar, dezenas de volumes de autoridades nazistas locais e centenas de outros admiradores distantes que o saúdam como “messias” e “salvador”.

Em suas buscas Ryback (2009), encontrou obras com dedicatórias que apresentam características pessoais entre Hitler e seus “camaradas”<sup>21</sup>. Um exemplo disso foi o presente que o Führer recebeu de Hermann Goering, um exemplar de uma sucinta biografia pessoal intitulada *Goering, em que você estava pensando! Esboço de uma vida*, cuja dedicatória corrobora com a ideia de “lealdade” e “reverência”, por parte do seguidor para com seu líder. Já Heinrich Himmler líder da SS, presenteou o Führer com dois exemplares que estavam tomados de ideologias: *Vozes de nossos ancestrais* e *Morte e imortalidade na visão de mundo dos pensadores indo-germânicos* (RYBACK, 2009). Da cineasta Leni Riefenstahl, amiga íntima do Führer que dirigiu um tributo ao Partido Nazista em 1934 chamado *Triunfo da vontade* e também *Olympia*, um documentário sobre os jogos Olímpicos de 1936, Hitler recebeu a primeira edição das obras completas do filósofo alemão Johann Gottlieb Fichte, que foi publicado em 1848, contendo oito volumes encadernados em velino creme, possuía folhas de ouro inclinadas nas páginas. Na contracapa do primeiro volume, Riefenstahl deixou uma dedicatória que demonstrava todo seu apreço pelo Führer: “Ao meu querido Führer, a mais profunda reverência” (RYBACK, 2009, p.132). E se tratando de Fichte, mesmo que o autor não tenha reconhecimento público, ele foi por certo, o filósofo mais próximo das ideias e dos movimentos nacional socialistas de Hitler. Fichte era considerado ousado e desafiador. O filósofo foi, segundo Ryback (2009), um dos pioneiros da ideia de excepcionalidade alemã, e apoiava o antissemitismo.

Um grupo de livros que possivelmente moldaram a visão de mundo do Führer foram os presentes dados por Julius Friedrich Lehmann que contribuiu muito para a formação da biblioteca particular de Hitler. O autor era dono da editora homônima, preservava o legado nacional-socialista, apoiando a pseudociência nazista do racismo biológico (RYBACK, 2009). O livro *Lições sobre hereditariedade humana e higiene racial*, foi dividido em duas partes e na primeira Lehmann escreveu “Ao senhor Adolf Hitler, como um importante componente para aprofundar sua compreensão. Calorosamente J. F. Lehmann.” (RYBACK, 2009, p. 142). Para ele suas obras eram de fato “componentes” para os movimentos nazistas e, segundo Ryback (2009), em alguns casos, esses livros serviram como manuais educativos para o próprio Hitler. As semelhanças entre Lehmann e Dietrich Eckart não passaram despercebidas para

---

<sup>21</sup> Forma que Hitler chamava seus aliados políticos mais próximos.

Ryback (2009), que apontou a credibilidade que ambos depositavam em Hitler e no partido Nazista. Outro livro com que Lehmann presenteou o Führer foi *História alemã por Einhardt* de 1919. Na contracapa a dedicatória: “Herr Hitler, em agradecimento ao seu trabalho de esclarecimento do povo alemão.” (RYBACK, 2009, p. 142).

Um livro singular que pertencia à biblioteca de Hitler foi talvez uma das poucas tentativas do Vaticano de intervir no movimento Nazista. *Fundamentos do nacional-socialismo* foi para Ryback (2009), um livro que mais parecia um tratado conspiratório. A ideia da obra era

Dividir o movimento nazista de dentro, purificá-lo das toxinas antisemitas, infundi-lo da caridade cristã e despertar em Adolf Hitler o catolicismo romano latente que os conspiradores tinham certeza que jazia dormente dentro de sua alma. (RYBACK, 2009, p.154-155).

O autor do livro Alois Hudal, tem sua fotografia estampada em uma página inteira da obra. O Vaticano tinha grandes preocupações perante a agitação anticristã crescente entre os nazistas locais, e em particular com a “[...] recente nomeação de Alfred Rosenberg como “ideólogo principal” de Hitler, responsável pelo “bem-estar espiritual do povo alemão [...]” (RYBACK, 2009, p. 155). Rosenberg era, sem dúvida, um homem muito participativo em ações anticristãs. Em seu livro “O mito do século XX”, era possível encontrar uma compilação de heresias que introduzia assuntos como a defesa da poligamia, a esterilização forçada e a disseminação do “quinto evangelho” que, segundo ele, revelaria a verdadeira natureza de Jesus Cristo (RYBACK, 2009). O Vaticano chegou a fazer um protesto formal contra a inclusão do livro de Rosenberg, nos currículos escolares, porém de nada adiantou. Karl Joseph Schulte, o bispo responsável por tratar de tais preocupações com Hitler, afirmou em tal documento, que tanto a obra de Rosenberg, quanto *Mein Kampf*, deveriam estar no *Index Librorum Prohibitorum*.

Durante uma entrevista com a mulher que foi secretária de Hitler por um longo período de tempo, Traude Junge, narra para Timothy Ryback, no ano de 2002, algumas vivências como funcionária do ditador. Junge explana sobre a constante preocupação do Führer, com questões relacionadas ao espírito após a morte, tanto que fazia um monólogo sobre o assunto para com seus assessores e aliados políticos e também trabalhava em cima do tema em suas leituras noturnas (RYBACK, 2009). Os livros sobre espiritualismo e ocultismo que faziam parte da biblioteca do Führer, estavam com ele desde o início, na sua maioria desde 1920,

sendo que os outros foram adquiridos nos anos finais da sua vida. As obras que tiveram maior significado para o Führer são: *O reino de Deus e o mundo contemporâneo*, de autoria de Peter Maag publicado em 1915; uma reedição não datada de *Anulus platonis*, que foi considerado um dos clássicos das ciências ocultas no século XVIII; *Os mortos vivem* de 1922, com relatos de fenômenos paranormais, que trazia os paradigmas de “ocultismo, sonambulismo e espiritismo”; *A essência da criação: Pesquisa sobre este mundo e a vida pós morte, sobre as verdades essenciais da natureza sobre a substância da alma e as conclusões resultantes*, publicado em 1914; *Corpo, espírito e razão viva*, o volume era traduzido em sua versão alemã de 1934, com autoria de Daicaiarchos Carnades. Grande parte dos livros, incluindo algumas das obras citadas acima acabaram em Berlim e posteriormente no Führerbunker, local onde foram encontrados após o suicídio do Führer. Estima-se que atualmente eles fazem parte da coleção de livros raros da Universidade de Brown. Outros volumes que estavam na biblioteca pessoal de Hitler em Berghof podem ser encontrados na Biblioteca do Congresso americano. Em vários desses livros foi possível encontrar, segundo Ryback (2009), marcações a lápis no rodapé das páginas ou no início de alguns capítulos, todas eram anotações do Führer.

Ao analisar as obras que faziam parte das bibliotecas de Hitler, Ryback (2009) conversou com pessoas que presenciaram os momentos em que o líder nazista recebeu-os de presente, ou estavam juntos em suas leituras. Muitos escreveram livros sobre as leituras que Hitler fazia, também por meio do livro *Mein Kampf*, o autor pode entender como os livros moldaram a vida do Führer. A partir disso, estima-se que cerca de sete mil dos 16 mil materiais que se encontravam nas três bibliotecas eram relacionados a questões militares. Os livros eram sobre as campanhas napoleônicas, reis prussianos, livros de história onde estavam registradas as campanhas militares mais famosas. Ryback (2009) aponta uma coleção de quatrocentos livros, folhetos e monografias sobre as forças armadas dos Estados Unidos, um presente do general Werner von Blomberg. Muito interessado em estudar sobre guerras, Hitler possuía manuais sobre veículos militares, navios de guerra e aeronaves. Em suas pesquisas, Ryback (2009) encontrou o que parecia ser o volume mais antigo das obras de cunho militar remanescentes na biblioteca de Hitler. *Catecismo para o guerreiro e defensor tetônico, onde se ensina como ser um guerreiro cristão e como entrar em combate em companhia de Deus*, é um apelo do

nacionalismo militante de 111 páginas de autoria do antigo patriota alemão Ernest Moritz Arndt, publicado em 1815. A obra possuía uma dedicatória pessoal a Hitler da bisneta de Arndt.

Biografias também estiveram entre os campos de interesse do ditador, por esse motivo sua biblioteca comportava algumas obras nesta temática. Uma delas era a biografia de Júlio César de 1921, escrito por Mattias Gelzer. Alguns livros referentes a vida de Frederico, o Grande e as narrativas de dois heróis prussianos da era napoleônica, Karl Von Stein e Friedrich Wilhelm von Bülow.

#### 4.1 O DESTINO DOS LIVROS NO PÓS-GUERRA

Com o decorrer dos anos Hitler manteve seu acervo em três bibliotecas, cada uma localizada em uma residência que possuía: uma em Berlim, a outra em Munique e uma terceira em Obersalzberg. Assim como um armazém de livros no “Arquivo do Führer”, onde ficava a sede do Partido Nazista, mais precisamente no subsolo, o armazém era localizado na Casa Marrona em Munique. Segundo Ryback (2009, p. 281), “Com exceção de um inventário parcial da biblioteca da Chancelaria do Reich em Berlim, preservado pela *Hoover Institution* da Universidade Stanford, não existia catálogo remanescente da coleção de livros de Hitler”.

Hitler nunca contratou um bibliotecário profissional para organizar e catalogar seu acervo. As governantas que trabalhavam em sua casa ficavam incumbidas de fazer tal organização. Devido a este fato, tal organização era limitada e sem nenhuma técnica específica. Em 2001 ao examinar pela primeira vez os livros sobreviventes de Hitler, Ryback (2009) descobriu que menos da metade dos volumes havia sido catalogada, somente duzentos estavam acessíveis no catálogo *on-line* da Biblioteca do Congresso. A maior parte das obras estava cadastrada em fichas antigas, ainda no sistema de numeração idiossincrático atribuído na década de 1950.

Com o final da guerra e sua morte em 1945, a soma dos materiais das três bibliotecas do Führer chegava a 16 mil. Grande parte dos materiais foram apreendidos por soldados americanos e posteriormente queimados como vingança. Outra parte foi enviada para um depósito em Munique e em 1950, Arnold Jacobius organizou os materiais para enviá-los para a Biblioteca do Congresso Americano. Um bom número das aquisições pessoais do Führer desapareceu durante o

processo. Cerca de 3 mil volumes foram enviados para os Estados Unidos, no entanto o destino final das obras ainda não havia sido decidido e coube a Jacobius fazer a triagem dos materiais. Após estudos, restaram apenas livros que continham dedicatórias, marcações nas páginas ou o ex-líbris de Hitler, ou seja, livros que comprovadamente pertenceram ao Führer. Os materiais descartados foram doados de forma anônima para departamentos de distribuição e foram espalhados por bibliotecas públicas.

Grande parte dos livros que faziam parte da biblioteca de Hitler abordavam ou estavam relacionados com o nacional socialismo, seus líderes, histórias e antecedentes ideológicos. Ryback (2009, p. 296) aponta os seguintes grupos distintos que foram enviados a Biblioteca do Congresso:

- a) Livros especialmente impressos e/ou encadernados para Hitler;
- b) Livros disponíveis ao público na época em que foram incorporados à coleção de Hitler, muitos em edição de luxo e com dedicatória;
- c) Rolos de papel, diplomas de honra em papel apergaminhado ou montados e encadernados dedicados a Hitler;
- d) Álbuns de fotografia, alguns contendo páginas com pequenas legendas datilografadas, descrições e/ou dedicatórias enfeitadas;
- e) Portfólios contendo reproduções de obras de arte, fotografias etc.;
- f) Itens variados, como cartas, recortes de jornais, fotografias montadas, cartazes, memórias, etc.

Após visitar a coleção na Biblioteca do Congresso, Ryback (2009) concluiu que a maior parte dos livros remanescentes da biblioteca do Führer, parecia nunca ter sido folhada. No entanto no processo de transporte dos livros, alguns materiais estranhos foram misturados aos de Hitler. Dessa forma a seleção dos materiais como pertencentes ao líder nazista, tornou-se árdua.

Na Universidade de Brown, em Providence, Rhode Island, Ryback (2009), localizou mais de 80 livros que pertenceram a Hitler; ainda que tais materiais estivessem em situação de abandono, apresentavam um bom estado de conservação. Os exemplares originavam-se do bunker do Führer em Berlim, no final de 1945. O soldado americano Albert Aronson, foi um dos primeiros a adentrar a fortaleza de Hitler ao final da guerra e com a iminente derrota alemã (Ilustração 1). Entretanto, os exemplares permaneceram na família Aronson, até a década de 1970, quando o sobrinho do soldado doou as obras para a Universidade de Brown. Entre os livros que Ryback (2009) encontrou no depósito da universidade, existia um

exemplar de *Mein Kampf* etiquetado com a *ex-libris* de Hitler e uma história da suástica de 1921.

Figura 1 - Uma das bibliotecas de Hitler



Fonte: seuhistory.com.

Devido a estes fatos (dispersão em três bibliotecas, destinos diferenciados para grupos de livros, queimas), sabe-se que apesar de ter tido mais de 16 mil volumes, as bibliotecas de Hitler, tiveram um destino bem diferente do que talvez o ditador tivesse imaginado. Muitos queimados por representar o nazismo e suas ideias fascistas, outros perdidos com o transporte e os demais doados para instituições americanas.

## 5 A DESTRUIÇÃO DOS LIVROS PELOS NAZISTAS

O nazismo é um termo inequivocamente conhecido pela aniquilação de milhares de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto, antes da guerra atingir seu ápice em 1939, os nazistas queimaram livros. Baez (2006, p. 178) esclarece que “A destruição dos livros em 1933 foi apenas o prólogo da matança que se seguiu. As fogueiras de livros inspiraram os fornos crematórios.”

A censura nazista teve seu início em janeiro de 1933, quando Hitler assumiu o cargo de Chanceler alemão. Cinco dias após a nomeação, a Lei de Proteção do povo alemão, foi promulgada acabando com a liberdade de imprensa, confiscando todo material que fosse considerado perigoso para o povo alemão, o qual, na sua maioria, era constituído obras de origem judaica. Por trás desse projeto estava Joseph Goebbels o então Ministro da Propaganda pretendia fazer a “sincronização da cultura”, alinhando as artes e a cultura alemã de acordo com os objetivos nazistas (QUEIMA de livros, 2018).

No dia seguinte à promulgação da lei, as sedes dos Partidos comunistas foram atacadas e suas bibliotecas destruídas. Goebbels tornou-se um forte aliado de Hitler, trabalhando sempre ao seu lado. Como ministro da propaganda ele foi o porta voz do nazismo, disseminando suas convicções totalitárias, seu antissemitismo e acima de tudo sua grande fidelidade a Hitler. Para tais atividades Goebbels fazia uso de propagandas via rádio, cinema e literatura.

Os estudantes das Universidades alemãs eram a dianteira do Movimento Nazista. “A associação Nazista Estudantil divulgou nacionalmente um “ato contra o Espírito Não Germânico”, que culminou em uma “depuração” ou “limpeza” literária pelo fogo.”(QUEIMA de livros, 2018). O governo fechou Instituições culturais judaicas e de quaisquer outros grupos apontados como controversos à política nazista ou autores de obras de arte rotuladas como “espúrios”.

No dia 26 de março de 1933, os livros já começaram a ser queimados. Em Schillerplatz, uma praça, na cidade de Kaiserlautern aconteceu parte das queimadas. Estudantes e intelectuais compactuavam com a destruição dos livros “Alguns dos mais importantes filósofos aderiram às ideias de Goebbels, como aconteceu com Heidegger.” (BAEZ, 2006, p. 179). Em abril do mesmo ano, Heidegger foi declarado reitor da Universidade de Friburgo.

No dia primeiro de abril, em Wuppertal cidade alemã as bibliotecas e livrarias foram saqueadas. Na ilha de Brausenwertl e na praça de Rathausvorplatz os livros foram queimados. Ao longo do mês de abril livros foram sendo destruídos pelas cidades alemãs, sendo que cada Estado criou suas próprias políticas de censura. Na cidade de Dusseldorf, foram destruídos livros de conteúdo judeu e comunista.

Com o passar do tempo, Goebbels foi ganhando a plena confiança de Hitler, recebendo total autonomia do Führer, para tomadas de decisões. Com isso ele redigiu a Lei Relativa ao Governo do Estado, sancionada ainda em abril de 1933. Agora que tinha o poder absoluto sobre educação promovendo mudanças nas escolas e universidades. Enviou um memorando às organizações estudantis nazistas propondo a destruição dos livros considerados perigosos.

Segundo Baez (2006) foi no dia 5 de maio que tudo começou!

Os estudantes da Universidade de Colônia foram à biblioteca e recolheram todos os livros de autores judeus e os queimaram horas mais tarde. Estava claro que esse era o caminho escolhido para mandar mensagem ao mundo inteiro. (BAEZ, 2006, p. 179)

O dia 10 de maio de 1933 foi escolhido para o grande “evento” da queima de livros. “Membros da Associação de Estudantes alemães se acotovelaram na biblioteca da Universidade Wilhelm von Humboldt e começaram a recolher os livros proibidos.” (BAEZ, 2006, p. 179). O local escolhido para a realização do evento foi Opernplatz. Todos estavam agitados e ansiosos. Mais livros foram recolhidos em centros como Institutos de Pesquisa sexual ou nas bibliotecas de judeus aprisionados.

A fogueira estava acesa e mais de 25 mil livros foram levados para destruição.

[...] a mais famosa cerimônia de queima de livros da história – um evento que permaneceu como um poderoso símbolo da opressão totalitária, da barbárie cultural e da impiedosa guerra ideológica levado a cabo pelos nazistas. As chamas da fogueira onde os livros queimaram passaram a simbolizar a íntima ligação entre destruição cultural e holocausto. (RYDELL, 2018, p.16).

O evento ficou conhecido como ritual macabro, e se espalhou por 90 cidades alemãs. Tudo sendo transmitido para o povo via rádio, Goebbels discursou (imagem 2) em frente à população condenando as obras escritas por: “judeus, liberais, esquerdistas, pacifistas, estrangeiros e demais não nazistas como sendo ‘não-

alemães” (A PROPAGANDA..., 2018). Esses livros foram excluídos dos acervos das bibliotecas em toda a Alemanha. Professores, Organizações Estudantis e bibliotecários, organizavam as listas de livros proibidos

Figura 2 – Discurso de Goebbels no dia 10 de maio de 1933



Fonte: Roteiros Literários, foto 02.

A queima de livros (Bücherverbrennung) foi organizada pela estrutura estatal nazista, pelo Comitê Geral dos Estudantes e pela União Estudantil Nacional-Socialista. De acordo com Lucas (2016) o evento “contou com a presença de reitores, professores universitários e líderes estudantis, além da alta cúpula de Hitler.” (LUCAS, 2016).

As queimas foram, acima de tudo, “rituais dramáticos”, com isso:

Goebbels entendia muito bem a importância simbólica das piras de livros, tanto do ponto de vista histórico quanto do ponto de vista político, como se fossem cerimônias febris de batismo de uma Alemanha renascida. A purificação pelo fogo era um ritual antigo que tinha apelo para um novo regime. (RYDELL, 2018, p. 26).

As represálias contra escritores, na sua maioria judeus, se intensificaram. As ameaças ficavam ainda mais comuns, inclusive para seus familiares que recebiam telefonemas e cartas com intimidações. Casas de escritores eram vandalizadas, segundo Rydell: “Alguns deles eram submetidos a monitoramento individual por

patrulhas da AS, que esperavam do lado de fora de suas casas e os seguiam onde quer que fossem.” (RYDELL, 2018, p. 17).

Historiadores também entravam na lista dos indesejáveis, caso sua interpretação da história não fosse a mesma dos nazistas, principalmente quando o assunto era a Primeira Guerra Mundial. Já no caso dos pensadores, seus pontos de vista eram demasiadamente repudiados pelos nazistas, que estavam em constante perseguição e inclusive queimaram livros de Sigmund Freud e Albert Einstein. (RYDELL, 2018).

Diferente do que se acredita, a Alemanha não ficou sem literatura. Mesmo que muitos livros tenham sido censurados e retirados das salas de aula, outros foram incorporados. Colocando em prática o plano de doutrinação pela literatura. A intenção era ensinar os estudantes e seus familiares a obedecer plenamente ao partido, semear o antissemitismo e amar Hitler. “Após as aulas, as reuniões da Juventude Hitlerista e da Liga das Moças Alemãs, treinavam as crianças para serem fiéis ao Partido Nazista. Dentro e fora das escolas, os jovens celebravam ocasiões como o aniversário de Hitler e a data de sua ascensão ao poder (A PROPAGANDA..., 2018). Aproximadamente 20 mil livros foram publicados durante a década de 1930, com o intuito de oferecer uma nova literatura ao povo alemão.

O plano nazista ia muito além da destruição dos livros pelo fogo. Os comandados de Hitler tinham uma fixação quase que devota para possuí-los. Tanto que muitos dos livros roubados nas bibliotecas e livrarias, não foram queimados na fatídica noite de maio, mas sim escondidos nos quartéis da SA, e utilizados para estudo. O nazismo não tinha como meta apenas a purificação da literatura não-alemã, grande parte de suas ideias era criar uma nova literatura, que tivesse como base uma ideologia calcada no amor à sua nação e seu líder principal, e é claro em priorizar a raça ariana, propagando o antissemitismo por meio das leituras. Com isso fica claro que:

Os nazistas não se opunham a professores, bibliotecários, eles desejavam recrutá-los para formar um exército de guerreiros intelectuais e ideológicos que, com suas canetas, teses e livros, combatessem os inimigos da Alemanha e do Nacional-Socialismo. (RYDELL, 2018, p. 29).

Havia também a necessidade de influenciar a população germânica a favor dos interesses pessoais de Hitler, propagando a supremacia da raça ariana e o repúdio aos judeus (OLIVEIRA; CASTRO, 2015, p. 127). Com isso, a partir de 1930,

até o final da guerra, o Ministério da Propaganda, que estava sob o comando de Goebbels, assumiu total controle da indústria editorial alemã: cerca de 2,5 mil editoras estavam sob os cuidados de Goebbels. As livrarias e os sebos também sofreram implicações, aproximadamente 16 mil lojas foram controladas pelo governo (RYDELL, 2018).

Goebbels começou eliminando a atuação judaica, no âmbito livresco. De início, excluiu autores judeus das academias e associações literárias. Segundo Rydell (2018), editoras, gráficas e livrarias judaicas passaram por um processo de “arianização”, ou seja, foram transferidas para proprietários considerados de “raça ariana”. Todavia não foram apenas os judeus que sofreram com a censura dos nazistas: também foram perseguidos: comunistas, negros, testemunhas de Jeová e inclusive alemães que iam contra a ideologia pregada pelo partido nazista.

Bibliotecas sofreram ataques significativos, seja por roubos de materiais ou destruição por meio de bombas que fizeram parte da vida dos alemães no período da Segunda Guerra Mundial. A *Berliner Stadtbibliothek*<sup>22</sup>, foi uma das bibliotecas atacadas. O prédio não foi totalmente destruído, em seu lugar a *Zentral-und Landesbibliothek*<sup>23</sup> foi construída.

As queimadas dos livros e das bibliotecas serviram como um símbolo da barbárie que estava por vir. Uma lembrança da centralização da política Nazista, tanto central quanto cultural e a introdução das políticas mais radicais (HILL, 2001). O que se sabe é que o dia 10 de maio foi o início de tudo, “Heinrich Heine era frequentemente citado ‘Lá onde se queimam livros, no final se queimam os homens.’” (HILL, 2001, p. 9, tradução nossa<sup>24</sup>).

Após o fatídico 10 de maio, as queimadas continuaram deixando seus apoiadores até emocionados com tamanha dedicação (Ilustração 3). No dia 12 do mesmo mês, o local escolhido para sediar a destruição foi Erlangen Schlossplatz, na *Universitätsplatz de Halle-Wittenberg*<sup>25</sup>. Seguindo com os ataques, 15 de maio, foi o dia escolhido para um discurso de ódio dos estudantes envolvidos antes de queimar várias obras não-alemãs, em Kaiser-Friedrich-Ufer, em Hamburgo. Dois dias depois crianças participaram do ato na *Universitätsplatz de Heidelberg*. Mais eventos de

---

<sup>22</sup> Biblioteca da cidade de Berlim (tradução nossa).

<sup>23</sup> Biblioteca Central de Berlim (tradução nossa).

<sup>24</sup> Heinrich Heine was often quoted " There where one burns books, one in the end burns men".

<sup>25</sup> Praça da Universidade de Halle-Wittenberg (tradução nossa).

retaliação a obras consideradas impuras ocorreram em *Jubiläumsplatz*<sup>26</sup>, na *Universität zu Köln*<sup>27</sup>, na cidade de *Karlsruhe* (BAEZ, 2006).

No entanto não foram apenas livrarias e bibliotecas que sofreram os ataques, no dia 19 de maio, nazistas invadiram o museu *Fridericianum*, em Kassel. Obras de arte eram queimadas com frequência, talvez como uma lembrança que nenhuma herança cultural judia ou que não representasse os ideais nazista ficariam como herança. O ano de 1933 seguiu demonstrando que tudo ainda poderia ficar pior, que as ordens de Hitler e Goebbels perante a cultura alemã destruiriam muito mais do que livros, obras de arte, ou seja, as memórias de um povo, elas destruíram pessoas.

Intelectuais demonstraram preocupação com os eventos de 1933, chamando inclusive de “Holocausto dos livros”. Segundo Baez (2006), Sigmund Freud, disse a jornalistas que a fogueira de livros podia ser considerada um avanço na história humana, pois “Na idade média eles teriam me queimado. Agora se contentam em queimar meus livros.” (BAEZ, 2006, p.182). No entanto, o que aconteceu foi exatamente isso, os nazistas além de queimarem livros, passaram a queimar pessoas.

Segundo Rydell (2018), muitos escritores premiados alemães, foram obrigados a partir para o exílio ainda em 1933, no entanto foi necessário muito mais tempo para conseguir expurgar seus livros do país. Para o autor era uma tarefa impossível livrar-se de todos esses livros, pois a maioria dos autores da lista negra, continuavam disponíveis durante a guerra, ainda que sua venda fosse escondida. Por isso para os censores nazistas o mais correto era trabalhar com a autocensura, ou, seja, o povo deveria se livrar dos próprios livros (RYDELL, 2018).

---

<sup>26</sup> Praça do Jubileu (tradução nossa).

<sup>27</sup> Universidade da Colônia (tradução nossa).

Figura 3 - Estudantes jogando livros nas fogueiras



Fonte: Roteiros Literários, foto 04.

O papel do bibliotecário durante a censura nazista foi marcado pela participação de muitos deles no trabalho de depuração. É presumível que tais atos comecem pelo local onde o conhecimento é preservado. As bibliotecas foram os principais alvos de ataques pelos estudantes nazistas, incumbidos de purificar a literatura alemã. No entanto, não se espera que as pessoas que trabalham para preservar os materiais sejam coniventes com tais práticas. Vergueiro (1987) explana sobre o papel do bibliotecário perante a censura. O autor nos apresenta alguns questionamentos, dos quais três nos ajudam a pensar nos motivos para a participação dos bibliotecários nos acontecimentos: “Medo, omissão ou concordância.” (VERGUEIRO, 1987, p. 22). Acredita-se que todos os questionamentos estejam corretos, pois estima-se que muitos tenham sido coagidos a atuar de tal forma, outros não se importaram e existem aqueles que eram censores que fato, que buscavam o poder dentro das bibliotecas e que concordavam com a ideologia nazista de limpeza literária. Os que realmente se voltavam contra e

recusavam entregar os livros e atuar na censura, eram enviados aos campos de concentração.

O Partido Nazista ainda passou a ter o controle total das bibliotecas públicas durante o Terceiro Reich, reconstruindo-as com o método Nazista já conhecido. Com isso, as bibliotecas públicas alemãs passaram a guardar materiais de propaganda nazista, livros antisemitas que perpetuassem a ideologia nazista para cidadãos alemães de todas as idades.

No romance baseado na história real de Dita Dorachova, *A bibliotecária de Auschwitz*, é relatado como um professor e uma menina de 14 anos se uniram para ensinar as crianças do Bloco 31<sup>28</sup>. A missão da jovem era guardar e cuidar dos livros, montando uma pequena biblioteca no Bloco:

Não era uma biblioteca extensa. Na verdade, era formada por oito livros, e alguns deles em mau estado. Mas eram livros. Naquele lugar tão escuro em que a humanidade chegou a alcançar a própria sombra, a presença dos livros era um vestígio de tempos menos lúgubres, mais benignos, quando as palavras ressonavam mais do que as metralhadoras. (ITURBE, 2014, p. 36).

Perante a destruição dos livros e a proibição da maioria dos materiais, os livros eram obviamente proibidos, acima de tudo para aqueles que estavam presos nos campos de concentração. Por isso o fato de Dita encarregar-se de algo tão arriscado, nos mostra que a omissão, nem sempre é um caminho a se escolher, pois como é citado no livro “[...] mais do que uma bibliotecária, desde esse dia ela se tornou uma enfermeira de livros.” (ITURBE, 2014, p.39).

Ainda no âmbito literário ficcional, podemos encontrar um livro que faz referência à queima dos livros pelos nazistas. O *best seller A menina que roubava livros*<sup>29</sup> de Markus Zusak (2007), com filme homônimo, lançado em 2014, apresenta com clareza a censura exercida sobre as bibliotecas alemãs, não só destruindo livros, mas também privando o povo alemão de utilizá-las. Desse modo, pode-se perceber que o livro aborda a importância dos livros, para as pessoas, mesmo durante a guerra, tamanha era a vontade de aprender, ou até mesmo como uma forma de distração durante os horrores que os judeus estavam passando. Liesel é uma jovem alemã, que por sua mãe ser comunista foi adotada por um casal de Munique. Lá a menina aprende a ler e percebe o poder dos livros, na primeira vez

---

<sup>28</sup> Campo de concentração em Auschwitz.

<sup>29</sup> *The Book Thief*.

em que assiste à queima de livros a menina se surpreende com tamanha barbárie (Figura 4).

Figura 4 - Cena da queima dos livros



Fonte: A MENINA..., 2014.

Em outra das cenas do filme, a menina é obrigada por um estudante nazista a queimar um livro (Figura 5), mas após todos irem embora a jovem volta e pega um livro "sobrevivente". Nesse momento, ela é observada pela esposa do prefeito. Por coincidência a mãe adotiva da garota lava roupas para a família do prefeito e, em uma das vezes em que vai entregar as roupas, a primeira dama a leva para conhecer sua biblioteca privada. No entanto, o prefeito descobre as visitas da jovem e suspende o serviço de lavagem de roupas. A partir desse momento Liesel passa a roubar os livros da biblioteca do prefeito. Para a garota e seus amigos a leitura passa a ser um escape em meio à tragédia e às perdas, pois a partir da queima dos livros, eles começam a entender que o nazismo é muito pior do que eles podiam imaginar.

Figura 5 - Liesel joga um livro na fogueira



Fonte: A MENINA..., 2014.

Acima de tudo os livros são portadores do poder, no entanto nem sempre serão usados para o bem, que foi o caso dos nazistas. Usaram a literatura para propagar ideologias que determinaram retirada da nacionalidade, da cidadania e determinaram morte e extermínio. No livro *A bibliotecária de Auschwitz*, a protagonista arriscou a própria vida para salvar os livros e ajudar crianças a aprender em uma época tão conturbada. E na obra *A menina que roubava livros* mostra as queimadas para que o povo não tivesse acesso à leitura e mostra também a alegria que eles tinham ao empunhar suas tochas e jogá-las nas piras de livros. Por isso, segundo Rydell (2018, p. 13):

[...] até mesmo os nazistas perceberam que, se havia algo que dava mais poder do que meramente destruir a palavra, era possuí-la e contratá-la. Os livros tinham poder. As palavras podiam ser usadas como armas, que ressoariam muito depois de o ruído da artilharia ter parado. (RYDELL, 2018, p.13)

## 5.1 A DESTRUIÇÃO DOS LIVROS NA EUROPA

A destruição dos livros e das bibliotecas não ocorreu somente na Alemanha. O plano Nazista não era apenas ter o controle da Alemanha. De início o intuito era unificar as populações que dominavam a língua alemã nas regiões mais próximas a Alemanha. Com isso, a invasão Nazista se expandiu, tomando proporções absurdas. As pilhagens de livros avançaram Europa adentro.

Na Polônia, após a invasão de soldados nazistas, a grande biblioteca talmúdica do Seminário Judaico do Lublin foi atacada. Segundo Baez (2006) entre

1939 e 1945, não se passava uma semana sem que bibliotecas ou museus poloneses fossem atacados por bombardeios. Em parte, os alemães colocaram em prática o que acontecia nas bibliotecas e livrarias germânicas, fazendo inspeções e confiscando obras de origem judaica. A biblioteca Raczyński, a biblioteca da Sociedade Científica e a biblioteca da Catedral, foram incendiadas. Cerca de 15 milhões de livros desapareceram na Polônia.

A Tchecoslováquia foi invadida e a biblioteca da Universidade de Praga foi atingida e pelo menos 25 mil livros desapareceram. A ala de Ciências naturais da biblioteca ficou completamente destruída. Ao final da guerra, clássicos como a Bíblia eslava e sete códices preciosos não existiam mais.

Na França, em Beauvais, mil livros foram destruídos em 1940. No mesmo ano, a Biblioteca Municipal e a da Universidade de Caen foram devastadas. De acordo com Baez (2006), os alemães destruíram a biblioteca Municipal de Dippe quando estavam desocupando a França. Muitas outras bibliotecas foram atacadas na França: estima-se que de 1940 a 1944 cerca de 540 mil livros foram ou queimados ou desapareceram.

A Itália também foi alvo da censura alemã. Segundo Baez (2006), em Turim no ano de 1938, “quando os seguidores de Mussolini invadiram a biblioteca da comunidade judaica, confiscaram milhares de livros e os levaram para a Praça Carlina, onde fizeram arder em uma fogueira pública.” (BAEZ, 2006, p. 187). A biblioteca pública de Milão foi atingida por bombas e perdeu cerca de 200 mil volumes. Foram transferidos 30 mil livros e 50 mil documentos de Nápoles para Montesano por medo de que fossem destruídos. No entanto, de nada adiantou: soldados alemães confiscaram e analisaram os textos e os lançaram em uma pira pública. A biblioteca de Palatina de Parma; a biblioteca Nacional de Turinam; a biblioteca da academia Toscana de Ciências e Letras e a biblioteca Comunale Manfrediana de Faenza tiveram parte de seus acervos destruídos durante a Segunda Guerra Mundial (BAEZ, 2006).

A Inglaterra foi atacada e teve suas bibliotecas destruídas. A biblioteca de Coventry teve cerca de 100 mil livros destruídos, já a biblioteca Central de Liverpool foi completamente dizimada. Em Londres, na biblioteca do Central Inner Temple, segundo Baez (2006), bibliotecários tentaram salvar os livros de serem roubados ou destruídos em 1940, por isso os guardaram em caixas, mas infelizmente no ano seguinte todas as caixas desapareceram. As bombas ainda destruíram o grande

salão da Universidade de Bristol, na qual estavam guardadas cerca de sete mil obras, que antes pertenciam ao Kings College. A biblioteca pública Minet foi atingida por bombardeios e 20 mil livros foram reduzidos a pó. De acordo com Baez (2006), o Museu Britânico foi salvo por bibliotecários, que salvaguardaram parte dos 225 mil livros e 30 mil tomos com jornais que pertenciam ao museu (BAEZ, 2006).

Os crimes literários tanto na Alemanha quando nos outros países que foram atacados duraram cerca de 12 anos. Muitos livros se perderam, queimados os roubados a memória de povos foi aniquilada assim como eles, que queimaram nos campos de concentração.

## 5.2 JOSEPH GOEBBELS

O ministro da Propaganda e Informação Pública do governo Hitler, foi um dos cérebros por trás da queima de livros pelos nazistas e um dos principais aliados de Hitler. Paul Joseph Goebbels, nasceu na antiga Rheydt (hoje Mönchengladbach), na Alemanha, no dia 29 de outubro de 1897. Uma paralisia infantil, o deixou com sequelas, fazendo com que ficasse coxo e não pudesse se alistar no exército alemão, na Primeira Guerra mundial.

Goebbels tinha doutorado em filologia<sup>30</sup> germânica pela Universidade de Heidelberg. Por ser um amante da literatura, tentou consolidar uma carreira de escritor, no entanto seus planos não foram em frente. Gostava de ler clássicos gregos e estudava textos marxistas, sendo grande admirador de Friedrich Nietzsche (FRAZÃO, 2017b).

Ingressou no Partido Nazista em 1923, e ganhou notoriedade de forma rápida. Em 1925, tornou-se um dos editores do jornal de propaganda nazista. Em 1928 passou a liderar a organização da máquina de propaganda do partido. Posteriormente, ganhou uma chance de integrar o Parlamento do Partido pelo bom trabalho apresentado com as propagandas (BAEZ, 2006; FRAZÃO, 2017b).

A saudação “Heil Hitler” foi idealizada e disseminada por ele, cultuando o ditador nazista como um messias, um salvador, o líder supremo no nazismo. Na década de 1930 passa a assumir o cargo de chefe da Divisão de Propaganda. A partir daí ficou clara a sua sagacidade, ao criar planos de propaganda nazista. De

---

<sup>30</sup> Estudo rigoroso da língua em toda a sua amplitude, e dos documentos escritos que servem para documentá-las. (HOUAISS, 2010, p. 896).

início eram apenas regionais, mas o trabalho foi tão bem elaborado que passou a ser implantado em esfera nacional. Tornou-se um dos maiores estrategistas de sua época, principalmente na manipulação das massas. Segundo Frazão (2017b), a famosa frase “Uma mentira contada mil vezes se torna verdade”, foi atribuída a ele.

Compartilhava com Hitler o ódio pelos judeus, e por pessoas consideradas não arianas. Sua genialidade com a propaganda política rendeu uma nomeação de Ministro da Propaganda e da Informação Pública. Hitler deu carta branca ao aliado para realizar qualquer tipo de limpeza cultural no país. Com isso ele passou a controlar a imprensa, rádios e todos os aspectos culturais, principalmente aqueles que envolviam judeus. Goebbels passou a manipular a mídia com o intuito de promover os objetivos nazistas (WRIGHT; LAW, 2018).

Elaborou a Câmara de Cultura da Alemanha Nazista, que buscava conhecer a ancestralidade do povo (que deveria ser da raça ariana), mas a intenção era verificar quem de fato era judeu e bani-los das atividades culturais da Alemanha. Em 1933 orquestrou com estudantes nazistas o confisco de materiais não germânicos e discursou para o povo no dia 10 de maio de 1933, em meio às pilhas de livros que se formavam para serem queimados.

A partir de 1939, seu dever era manter a “alta moral” do exército e do povo alemão durante a guerra e também justificar as atrocidades cometidas pelo regime. Tendo grande influência sobre Hitler, aconselhando o ditador a romper o pacto que tinha com Stalin e invadir a União Soviética.

Em 1944 um grupo de oficiais contrariados com o desenvolvimento da guerra organizou um atentado falho contra Hitler. Após esse fato Goebbels se uniu a Himmler como líderes do Partido Nazista (FRAZÃO, 2017b).

Em 1945, com a iminente derrota da Alemanha, Goebbels, sua esposa e seus seis filhos se refugiaram no bunker de Hitler em Berlim. Segundo Frazão (2017b), no dia da morte de Hitler (30 de abril), o testamento do Führer informava que o ministro da Propaganda alemão, deveria ser seu sucessor, com isso Goebbels assumiu a posição de chanceler alemão por apenas um dia. No entanto, em primeiro de maio de 1945, Goebbels mandou que um dentista injetasse cianeto em seus filhos, viu a esposa Magda ingerir veneno e, segundo Baez (2006, p. 185), “ [...] logo depois, não sem antes jogar o charuto no chão, esboçou ao que tudo indica um sorriso de triunfo, ergueu a mão para homenagear o Führer e se matou. Alguns escutaram um disparo de uma pistola Walther; outros garantiram que foram dois disparos”.

### 5.3 OS LIVROS NO PÓS GUERRA

A Europa precisava se reestruturar com o fim na guerra. Como assinalado na subseção 5.1, no que diz respeito às bibliotecas, muitos livros foram perdidos, queimados, roubados. A reconstrução das bibliotecas era necessária e também a reestruturação dos bibliotecários que trabalhavam na organização dos materiais recuperados. Muitas bibliotecas européias foram completamente destruídas e precisavam ser construídas novamente.

Em muitas das bibliotecas reconstruídas, existem livros com dedicatórias de mães para filhos, de casais, pois com o final da Guerra os livros roubados pelos nazistas que não foram queimados foram distribuídos por bibliotecas das regiões. Segundo Rydell (2018), atualmente existe um grupo que trabalha para tentar devolver esses livros para as vítimas sobreviventes do holocausto ou para suas famílias, uma tarefa árdua, uma vez que essa localização nem sempre é fácil, ou não restou ninguém.

Estima-se que com o fim da guerra, o Exército alemão entregou cerca de 30 mil obras à *Bayerische Staatsbibliothek*<sup>31</sup>. Em suas pesquisas, Rydell (2018) teria encontrado um livro intitulado *Judeus Poloneses*, a folha de rosto marcada com tinta preta, um carimbo mostrando onde ele foi encontrado “Instituto Nacional para a História da Nova Alemanha, checado pelo historiador Walter Frank”. Em outros livros é possível encontrar mais marcações que indicam que os livros estavam sob o domínio nazista.

Os livros sobre a mesa são fragmentos, cacos do início de uma história que mostra a ambição que acabaria levando ao maior roubo de livros do mundo [...] É possível descrevê-los como cacos iniciais porque esses carimbos representam as primeiras tentativas do regime de estabelecer um programa ideológico de aquisição de conhecimento, que se propunha não só a estudar seus inimigos, mas também a construir uma nova cultura de base ideológica de pesquisa e educação no Terceiro Reich. (RYDELL, 2018, p. 85).

O plano era arrecadar o maior número de materiais judaicos. Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg ou apenas ERR, era uma organização que se dedicava a confiscar os melhores e mais valiosos materiais da cultura judaica. A organização era liderada por Alfred Rosenberg e seus homens atuavam na França, Itália, Polônia, entre outros países europeus. Grande parte dos materiais roubados pelos

---

<sup>31</sup> Biblioteca Estadual da Baviera.

nazistas, não foram queimados e sim guardados na Biblioteca do Instituto de Exploração da Questão Judaica. No entanto, os planos de Rosenberg para a biblioteca não deram certo e, ao final da guerra, muitos livros acabaram se perdendo, pois, os materiais da biblioteca nunca foram catalogados e nem situados na forma correta.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve o intuito de apresentar por meio de pesquisas bibliográficas uma possível relação entre o acervo privado de Hitler e os livros destruídos durante o nazismo. Os objetivos do trabalho foram produzidos a fim de entender a censura nazista que culminou na queima de livros, a partir de uma possível comparação das listas de livros do Fuhrer e a lista de livros proibidos.

O primeiro passo foi entender o nazismo, como o partido foi fundado, seus líderes, no início. Como os resultados da Primeira Guerra Mundial foram fundamentais para o início do período ditatorial em uma Alemanha que há pouco havia conquistado um estado democrático. O fascismo se instaurou aproveitando a situação econômica caótica em que o país se encontrava.

Os líderes do Partido Nazista, percebendo a boa oratória de Hitler, convidaram-no para participar do mesmo. Com um bom esquema de propaganda, o partido atingiu o poder em 1933. O preconceito que se instaurou durante o comando nazista foi gigantesco, não apenas contra o povo judeu, assim como atingiu homossexuais, negros, comunistas, testemunhas de Jeová, ciganos, deficientes físicos e mentais. Da mesma forma, quaisquer outras pessoas que não concordassem com a ideologia nazista, mesmo que possuíssem “sangue puro”, eram mandadas para os campos de concentração nazistas, onde eram obrigadas a trabalhar e posteriormente eram mortas. Muitos delas morreram pelas más condições de higiene do local.

De início, Hitler era mais um dos homens que estava incomodado com o final da Primeira Guerra, mas com a ajuda dos livros, passou a estudar para que assim pudesse ir mais longe dentro do partido. Segundo as obras estudadas, os livros foram fundamentais para moldar a sua personalidade como líder nazista. Segundo Ryback (2009), seu apreço pela leitura era enorme, sendo considerado por alguns um bibliófilo, gostava da sensação de possuir conhecimentos obtidos em livros, assim como colecioná-los.

Conseguiu fama por sua boa oratória, seu dom com a persuasão, através de força argumentativa provavelmente alicerçada em suas leituras. Em 1933, quando assumiu o cargo de chanceler da Alemanha, ele planejava uma raça pura. Ajudou a disseminar o ódio pelos judeus e instaurou medidas contra eles e outros povos considerados não alemães. Passou a trabalhar com a certeza de uma raça humana

melhor que as demais, que seria conhecida como a raça perfeita ou a “Ariana”. Quando decidiu escrever *Mein Kampf*, leu obras de vários autores antissemitas para que pudesse fazer uso de suas ideias e temia que a falta de estudos durante a juventude o prejudicasse.

Quando começamos a estudar a coleção de livros que pertenceram a Hitler, para atender o primeiro objetivo, um único livro foi utilizado, pois continha as listas dos prováveis acervos de propriedade do Führer e nele encontramos informações preciosas. Não foram citados todos por se tratar de uma lista extensa, sendo que alguns nunca sequer foram folheados. Mas aqueles que analisamos, foram os que de algum modo se tornaram fundamentais para moldar a vida do Führer alemão. Hitler censurou muitas obras que considerou impróprias ou cujos autores não eram dignos; entretanto, ele tinha total conhecimento do poder dos livros na vida das pessoas e como eles podem sim, moldar as características de alguém. Mas, ainda que tivesse adoração pela leitura, isso não o impediu de autorizar a prática de confisco e queima dos livros. A ideia inicial não foi dele e sim de Joseph Goebbels, seu homem de confiança e ministro da Propaganda a quem ele deu plenos poderes para intervir nos aspectos culturais do país.

Para atingir o segundo objetivo estudamos as queimas de livros principalmente o fatídico 10 de maio de 1933, que foi um marco para comprovar a liderança nazista, já que os estudantes fizeram as pilhagens e montaram as piras com o apoio de Goebbels que ainda discursou em rede nacional sobre os motivos de tais atos, conforme fotografia recuperada que ilustra a seção 5. Hitler não participou do evento, mas afirmou que o amigo sabia o que estava fazendo e que tinha carta branca para tomar qualquer decisão sobre a cultura. As pilhagens e destruições de bibliotecas e centros culturais não ocorreram apenas na Alemanha, se estendendo para mais países europeus como foi citado na sessão 5.1 deste trabalho.

Para atingir o terceiro objetivo que diz respeito à existência de exemplares que não foram queimados por fazer parte do acervo de Hitler, nossas pesquisas apontaram apenas um: *Berlim*, de Max Osborn, um guia arquitetônico da cidade e um dos primeiros livros adquiridos pelo ditador. Foi o único preservado, uma vez que o livro foi banido pelo regime nazista e o autor foi para a lista dos autores proibidos da Alemanha, tendo emigrado para os Estados Unidos da América. Durante as pesquisas, não encontramos listas referentes a livros, mas sim de

autores, como consta no apêndice B deste trabalho. Com isso, pode-se considerar que os livros censurados são aqueles produzidos por tais autores.

Apesar da pretendida lista conter apenas um livro, os estudos neste trabalho, nos fizeram entender além do ditador. A partir da leitura de *A biblioteca esquecida de Hitler*<sup>32</sup>, de Timothy W. Ryback, foi possível entendermos o lado intelectual de Hitler, que sentia medo e odiava não ter estudado mais. Pudemos ver como os livros foram fundamentais para seu crescimento como orador, enquanto que pouco entendia de ortografia e gramática, fato comprovado por cartas com erros grotescos, conforme comentamos na parte de sua biografia.

Acreditamos que as pesquisas para esse trabalho podem ser mais aprofundadas. No entanto, seria necessário pesquisar diretamente nas fontes primárias, como a Biblioteca do Congresso, ou em alguns locais na Alemanha, pois como já foi citado, apenas um livro serviu de referência para a elaboração da seção 4. Foram pesquisados outros materiais, no entanto, todos tiveram como base neste livro. Existem na referência deste próprio livro algumas sugestões, que não foram localizadas e encontram-se em língua alemã.

Uma relação do homem que amava os livros, mas que os mandavam queimar representa talvez uma grande busca pelo poder de censurar outras pessoas, pelo entendimento de que, se os livros foram capazes de fazer mudanças significativas em seu pensamento, moldando a sua personalidade, isso também poderia acontecer com qualquer outra pessoa. Pois o saber faz a pessoa ser mais atuante politicamente. E o que o partido nazista não tolerava eram pessoas com ideologias diferentes das deles.

A censura é muito utilizada por governos totalitários, para impedir o povo de ter acesso a materiais que os censores consideram nocivos para o povo! Foi importante para o trabalho conceituar a censura desde seus primórdios, mostrando

---

<sup>32</sup> Este trabalho obteve conceito B na banca devido aos riscos interpretativos assumidos pela autora, de utilizar um livro que foi recebido pelos historiadores com grandes reservas, visto que, sua interpretação da personalidade de Hitler, envolve enormes riscos sem contestação do ponto de vista bibliográfico. Este trabalho não assumiu exames que contradissem tal fato. Visto ter assumido a interpretação do autor sobre a personalidade de Hitler em inúmeros trechos, a qual contradiz outras das análises às quais não acessamos.

que desde a Grécia antiga, até mesmo os livros feitos de argila podiam padecer em função do ódio do homem. Questões políticas e religiosas são até hoje a principal causa de censura. E devemos, como bibliotecários, cuidar dos materiais, pois em nossas mãos temos instrumentos de memória. Uma biblioteca é fundamental como patrimônio, como local de aprendizado e não pode atualmente se entregar para a censura, inclusive a autocensura.

A destruição dos livros atingiu parte de um patrimônio, a memória de um povo foi devastada pela barbárie de uma ideologia totalitarista e preconceituosa, de fato muitas bibliotecas se reergueram, mas aquilo que foi destruído não se reconstrói, não existe mais! Muito além de livros, se queimaram lembranças, pensamentos, informações que não poderão ser encontradas novamente.

A guerra destruiu muitas vidas, muitos prédios, muitos monumentos, muitos livros. Os prédios e monumentos podem ser reconstruídos. As vidas não voltam mais. A pergunta que fica é se o poder de censura e destruição de livros daquele período poderia ser minimizado ou se as ideias consideradas nocivas poderiam ser recuperadas.

Este trabalho obteve conceito B na banca devido aos riscos interpretativos assumidos pela autora, de utilizar um livro que foi recebido pelos historiadores com grandes reservas, visto que, sua interpretação da personalidade de Hitler, envolve enormes riscos sem contestação do ponto de vista bibliográfico. Este trabalho não assumiu exames que contradissem tal fato.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. O controle a publicação de livros nos séculos XVIII e XIX: uma outra visão da censura. **Revista de história e estudos culturais**, São Paulo, v. 4, n. 4, p.1-12, out./dez. 2007. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/DOSSIE\\_%20ARTIGO\\_02-Marcia\\_Abreu.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/DOSSIE_%20ARTIGO_02-Marcia_Abreu.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2018.

ADOLF Hitler. In: O HISTORY, 2018. Disponível em: <<https://seuhistory.com/biografias/adolf-hitler>>. Acesso em 10 set. 2018.

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: antisemitismo, imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BAEZ, Fernando. Bibliocausto nazi seguido de las primeras destrucciones de libros em China. **Revista de Estudos Literários**, Madrid, v. 8, n. 22, nov. 2002/feb. 2003. Disponível em: <<https://webs.ucm.es/info/especulo/numero22/biblioca.html>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

BAEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias a guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BRASIL, Paula. **O bibliocausto nazista: a destruição de livros judaicos durante o terceiro Reich**. Trabalho de conclusão de curso. 2016. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR, 2016.

COSTA, Lúcia de Fátima Vieira da; GERMANO, José Willington. Conhecimento proibido: a interdição da leitura em regimes políticos. **Revista Inter-legere**, Natal, n. 11, p. 147-158, jul./dez. 2012.

FIGUEIREDO, Nice Menezes. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 186-191, set./dez. 1992.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRAZÃO, Dilva. Biografia Adolf Hitler. In: EBIOGRAFIA. 2017a. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/adolf\\_hitler/](https://www.ebiografia.com/adolf_hitler/)>. Acesso em: 25 set. 2018.

FRAZÃO, Dilva. Biografia Joseph Goebbels. In: EBIOGRAFIA. 2017b. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/joseph\\_goebbels/](https://www.ebiografia.com/joseph_goebbels/)>. Acesso em: 25 set. 2018.

GÊNOVA, Jairo José. A imprensa e a censura. **Revista Jurídica da Escola Superior do Ministério Público de São Paulo**, São Paulo, v. 1, p. 56-58, 2012. Disponível em: <[http://www.esmp.sp.gov.br/revista\\_esmp/index.php/RJESMPSP/article/view/16](http://www.esmp.sp.gov.br/revista_esmp/index.php/RJESMPSP/article/view/16)>. Acesso em: 23 out. 2018.

GOMES, Morgana. Raça pura. In. **Revista Leituras na história**. São Paulo: Escala. ed. 115. 2018. p. 32-34.

GOMES, Mayra Rodrigues; CASADEI, Eliza Bachega. A dimensão política da censura moral. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 24, n. 56, p. 57-70, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/212>>. Acesso em: 22 out. 2018.

O GOVERNO e controle nazista. In: HOLOCAUST Memorial. Washington, DC, 2018. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007669>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

HILL, Leonidas E. The Nazi Attack on “Un-German” Literature, 1933-1945. In: ROSE, Jonathan (Ed.). **The Holocaust and the Book**. Amherst: University of Massachusetts Press, 2001. p. 9-46.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. Berlin: Franz-eher-Verlag, 1925.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

O INÍCIO. In: HOLOCAUST Memorial. Washington, DC, 2018. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007673>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

ITURBE, Antonio, G. **A bibliotecária de Auschwitz**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2014.

JACOBSEN, Priscila. **Livros proibidos: 50 anos do fim do Index Librorum Prohibitorum**. Porto Alegre, 30 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/blogdabc/livros-proibidos-50-anos-do-fim-do-index-librorum-prohibitorum/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

LIMA Marcia Heloisa Tavares de Figueredo, BASTOS Milton Jorge Moreira. Efeitos de 64: Procurando os livros censurados em bibliotecas Fluminense. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

LUCAS, Leonardo. A grande queima de livros em Berlim. In. **ROTEIROS literários**. 2016. Disponível em: <<http://novo.roteirosliterarios.com.br/2016/08/05/grande-queima-de-livros-em-berlim/>>. Acesso em: 31 nov. 2018.

A MENINA que roubava livros. Produção: Karen Rosenfelt. Intérpretes: Geoffrey Rush, Emily Watson, Sophie Nélisse. Roteiro: Michael Petroni. São Paulo: FoxFilm do Brasil, 2014. 2h10min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N7bUcDXDZMo&t=1678s>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

A MORTE. In: História em curso. São Paulo: Minuano. 2014. p. 58-59.

NACIONAL Socialismo. In: ENCICLOPÉDIA BARSÁ UNIVERSAL. São Paulo: Barsa planeta, 2007. v. 12, p. 4124-25.

A PROPAGANDA política nazista. In: HOLOCAUST Memorial. Washington, DC, 2018. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nazi-propaganda>>. Acesso em: 10 set. 2018.

OLIVEIRA, Alessandra Nunes de; CASTRO, Jetur Lima de. Enfoques da revolução francesa, nazismo e ditadura militar no Brasil: repressão e censura à informação. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 117-134, jun. 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9934>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

QUEIMA de livros. In: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Washington, DC. Disponível em: <<http://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/book-burning-abridged-article>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

ROIZ, Diogo da Silva. Resenha de A biblioteca esquecida de Hitler: os livros que moldaram a vida do Führer. **Eccos Revista científica**, v. 12, n. 1, p. 253-257, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/715/71518577016.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

RYBACK, Timothy W. **A biblioteca esquecida de Hitler**: os livros que moldaram a vida do Führer. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

RYDELL, Anders. **Ladrões de livros**: A História Real de Como os Nazistas Roubaram Milhões de Livros Durante a Segunda Guerra. Tradução: Rogério Galindo. São Paulo: Crítica, 2018.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SEELAENDER, Airton C. Leite. O direito de ser informado: base do paradigma moderno do direito de informação. **Revista de Direito Público**, v. 25, n. 99, p. 147-159, 1991a.

SEELAENDER, Airton C. Leite. Surgimento das ideias essenciais relativas à informação: A areopagítica de Milton. **Revista da Faculdade de Direito USP**, v. 86, p. 190-211, jan./dez. 1991b.

TODESCHINI, Marcus. A igreja católica tivesse se manifestado contra o nazismo? In: AVENTURAS na história, São Paulo, 23 out. 2017. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/acervo/igreja-catolica-tivesse-se-manifestado-nazismo-434670.phtml>>. Acesso em: 11 set. 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro de C. S. Censura e seleção de materiais em bibliotecas: o despreparo dos bibliotecários brasileiros. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 21-26, jan./jun. 1987.

WRIGHT, Edmund; LAW, Jonathan. **Dicionário de história do mundo**. Belo Horizonte: Autentica, 2016.

ZILBERMAN, Regina. Memória entre oralidade e escrita. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, set. 2006.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

**APÊNDICE A – Lista parcial do acervo de Hitler com base no livro A biblioteca esquecida de Hitler.**

1. Annulus Platonis – Anton Joseph Kirchwegger
2. A arma química na guerra e agora – Ulrich Muller
3. A conquista do ar: um manual de aviação e tecnologia de aviação. Comumente apresentado para os jovens e os mais jovens de acordo com as últimas invenções e experiências com um Gleleitwort de Graf Zeppelin e 296 ilustrações
4. A esterilidade pela higiene racial e por razões sociais, com 7 ilustrações e 10 tabelas – Otto Kankelheit
5. A história alemã de Einhart – Heinrich Class
6. A história da guerra de Roosevelt – Hans Heinrich Dieckhoff
7. A infertilidade por motivos de higiene racial e social, com 7 figuras e 10 tabelas – Otto Kankelheit
8. A natureza das criações deste lado e além das verdades básicas da natureza, da substância da alma e das conclusões dela – Gustav Berling
9. A queda da grande raça: o território como base da história da Europa – Madison Grant
10. A sabedoria de Freud -Carl Ludwig Schleich
11. A voz dos ancestrais: um poema de Wulf Sörensen – Frithjof Fischer- Sörensen
12. As coisas, o espírito e a mente viva – Daicaiarchos Carneades
13. As frotas de guerra do mundo e sua força de luta, com uma palavra de almirante a D. Walter Gladisch – Adalbert. R. Von Goerne
14. As profecias de Nostradamus: a primeira descoberta da cifra e o desvelamento das profecias sobre o futuro da Europa e o declínio da França – Carl Loog
- 15.
16. Barão von Stein; Sua vida e trabalho em Bilschiedergaben de documentos e arquivos selecionados – Heinrich Glasmeier
17. Boa culinária vegetariana: receitas práticas – Maia Charpentier
18. Berlim: Um guia definitivo – Max Osborn
19. Catecismo para a guerra Teutônica, em que se ensina que devemos ser um homem cristão e entrar em conflito com Deus – Ernst Moritz Arndt
20. César, o político e estadista – Mathias Gelzer
21. Ciência racial do povo alemão – Hans F. K. Günther
22. Com Adolf Hitler na fortaleza Landsberg – Hans Kallenbach
23. Com Adolf Hitler na lista de regimento de infantaria Reserva Bávara 16: com um ditado por Julius Streicher – Adolf Meyer
24. Escritos alemães – Paul Lagarde
25. Fé alemã de Fichte – Marie Grunewald
26. Feldherr e Kriegstechnik: sobre o plano de operação do conde Schlieffen e professores para o a construção militar e nossa defesa nacional – Karl Justrow
27. Fogo e sangue: uma pequena parte de uma batalha difícil – Ernest Junger
28. Frederico, o Grande, e Michael Gabel Fredersdorf: Cinquenta cartas do rei para seu mestre-mestre secreto dos anos 1747 a 1755 – Johannes Richard (org.)

29. Frederico, o Grande, nosso herói e líder – Oskar Fritsch
30. Goring, o que vem à mente! Um esboço da vida – Martin H. Sommerfeldt
31. Guerra e o estado: uma seleção dos escritos políticos e filosóficos da guerra– Carl von Clausewitz
32. Hereditariedade humana e raças - higiene, vol. 1 e seleção e eugenia de higiene de raça – Erwin Bauer; Egen Fischer; Fritz Lenz
33. História da cidade de Branau am Inn – Konrad Meindl
34. História da sétima Divisão Panzer: Breve esboço de seu uso no Ocidente de 9 de maio a 10 de junho de 1940, com esboços de mapa e posições importantes das forças–
35. História e relatos sobre o massacre de Fritz, o rude, conquistador e herói: como ele governa Weiland gloriosamente! Traçado em versos e rimas casuais e organizado com xilogravuras graciosas. Um verdadeiro livreto unissex dedicado a todos os prussianos.
36. Horts Wessel: um destino alemão – Hanns Heinz Ewers
37. Immanuel Kant: A personalidade como introdução ao trabalho - Houston Stewart Chamberlain
38. Jovem India: artigos dos anos 1919 a 1922 – Mahatma Gandhi
39. Lei do mundo – Maximilian Riedel
40. Magia: História, teoria e prática: Ernst Schertel
41. Mahatma Gandhi: Com um posfácio: Gandhi desde a sua libertação – Romain rolland
42. Mão oráculo e arte da sabedoria mundana: Após a transferência de Arthur Schopenhauer reeditado. De Otto Freiherr von Taube - Balthasar Gracian
43. Minha luta – Adolf Hitler
44. Minha sabedoria de alegria – Carl Ludwig Schleich
45. Moltke e Conrad: o comando do exército do coronel-general von Moltke e do general de infantaria Frhr Conrad no verão de 1914 – Konrad Leppa
46. Morte e imortalidade na visão de mundo dos pensadores indo-europeus – Kurt Schorotter e Walther Wust
47. Nacionalismo – Rabindranath Tagore
48. Nosso herói e guia – Oskar Friedrich der Gobe
49. Obras de Shakespeare – William Shakespeare
50. O estado futuro como uma monarquia socialista – Berthold Otto
51. O Grande Brockhaus: Manual de Conhecimento em vinte volumes
52. O livro de bolso de Heigl, reeditado por O. H. Hacker. Pt. 1; Essência dos veículos de tanque, serviço de detecção de tanque
53. O livro de culpa da Inglaterra da Escravidão Mundial em 77 Poemas: A Revolução Alemã – Adolar Erdmann
54. O mito do século XX: uma valorização dos gestos intelectuais-espirituais do nosso tempo – Alfred Rosenberg
55. O onipresente Rei: Frederico o Grande, no Gabinete e nas Viagens de Inspeção, depois de algumas fontes inéditas - Carl Hinrichs
56. O pedigree do líder – Rudolf Koppensteiner

57. O que Frederico, o Grande tem para lhe dizer: 366 palavras e pensamentos do filósofo de Sanssouci -Reinhold Ernst Stolzenberg
58. O segredo da suástica e o berço do indo-europeísmo – Otto Grabowski
59. O terceiro rico – Arthut Moeller van den Bruck
60. O triunfo da tecnologia – Max Geitel
61. Os fundamentos do nacional-socialismo: uma investigação histórica – Alois Hudal
62. Os mortos vivem – Henrich Kreisbaurat
63. Peer Gynt, em transmissão livre para o palco alemão; com prefácio e orientações de Drietrich Eckart; com 9 cenas depois de gravuras originais de Otto Sager – Henrik Ibsen
64. Poemas de Goethe: Com 147 desenhos de caneta por Franz Stassen – Johann Wolfgang Goethe
65. Política externa alemã – Graf Ernest zu Rewentlow
66. Proposta para melhorar e padronizar a contabilidade (contabilidade única) para fábricas de charutos (grandes empresas), ao mesmo tempo um caminho para a economia nacional-socialista
67. Quatro anos frente oeste: história da lista de regimentos, R.J.R. 16; folhas memoriais de regimentos alemães. Exército bávaro, edição do arquivo de guerra da Baviera, vol.76 – Fridolin Solleder
68. Reino de Deus e a Situação Mundial: um estudo bíblico para os amigos da Bíblia - Peter Maag
69. Richard Wagner: o alemão, como artista, pensador, político - Houston Stewart Chamberlain
70. Schlieffen: Uma imagem de vida e caráter para o povo alemão – Hugo Rochs
71. Todos os trabalhos – Johann Gottlieb Fichte
72. Trinta cabeças de novembro -Alfred Rosenberg
73. Weyers livro de bolso das frotas de guerra, vol.34 – Alexander Bredt

#### Fotocópias

1. Aquarele compilado por Heinrich Hoffmann – Adolf Hitler
2. Beleza na luta olímpica - Leni Riefenstahl
3. Fotocópias de cartões-postais e cartas escritas por Hitler para Ernest Hepp – Adolf Hitler
4. Locais de arte famosos – Henri Simon Hymans
5. Olympia, álbum de fotografia datado de 1936 – Leni Riefenstahl
6. Planícies (Pasta com fotografias) - Leni Riefenstahl
7. Registro militar, fotocópias encadernadas dos registros do Serviço Militar de Hitler – Adolf Hitler

**APÊNCIE B – Provável lista de autores que foram censurados pelos nazistas,  
com base no artigo El Bibliocausto Nazi de Fernando Baez.**

1. Asch, Nathan
2. Asch, Schalom
3. Barbusse, Henri
4. Beer-Hofmann, Richard
5. Bernhard, George
6. Birkenfeld, Gunther
7. Brecht, Bertolt
8. Broch, Hermann
9. Brod, Max
10. Buber, Martin
11. Carr, Robert
12. Cohen, Hermann
13. Dix, Otto
14. Doblin, Alfred
15. Edschmid, Kasimir
16. Ehrenstein, Ilja
17. Ehrenstein, Albert
18. Einstein, Albert
19. Feuchtwanger, Lion
20. Fink, Georg
21. Foerster, Friedrich W.
22. Frank, Bruno
23. Freud, Sigmund
24. Geist, Rudof
25. Gladkow, Fjodor
26. Glaeser, Ernst
27. Goll, Iwan
28. Graf, Oskar Maria
29. Grosz, George
30. Grunburg, Karl
31. Hasik, Iaroslav
32. Hasenclever, Walter

33. Hegimann, Werner
34. Heine, Henrich
35. Hemingway, Ernest
36. Hermann, Georg
37. Holitscher, Arthur
38. Hotopp, Albert
39. Jacob, Henrich Eduard
40. Kafka, Franz
41. Kaiser, George
42. Kallinikow, Josef
43. Kaus, Gina
44. Kayser, Rudolf
45. Kerr, Alfred
46. Kisch, Egon Erwin
47. Klaber, Kurt
48. Kollantay, Alexandra
49. Kraus, Karl
50. Kusmin, Michael A.
51. Lampel, Peter
52. Schuler, Else Lasker
53. Lenin, Vladimir I.
54. Lidin, Wladmir
55. Lewis, Sinclair
56. Lichnowsky, Mechtilde
57. Liepmann, Heinz
58. London, Jack
59. Ludvig, Emil
60. Mann, Henrich
61. Mann, Klaus
62. Mann, Thomas
63. Marx, Karl
64. Mendelshn, Enrich
65. Musil, Robert
66. Neumann, Robert
67. Neumann, Alfred

68. Olbracht, Iwan
69. Osborn, Max
70. Ossietzky, Carl von
71. Ottwald, Ernest
72. Perutz, Leo
73. Pinthus, Kurt
74. Polgar, Alfred
75. Plivier
76. Proust, Marcel
77. Reimann, Hans
78. Remarque, Erich Maria
79. Renn, Ludwig
80. Ringelnatz, Joachin
81. Rodinow, Iwan A.
82. Roth, Joseph
83. Rubiner, Ludwig
84. Sanzara, Rhael
85. Schlump, Alfred Schirokauer
86. Schrollder, Arthur
87. Seghers, Anna
88. Sinclair, Upton
89. Sochaczwer, Hans
90. Sostschento, Michael
91. Ssologub, Fjodor
92. Thomaz, Adrielnne
93. Toller, Ernest
94. Travan, Bernard
95. Tucholsky, Kurt
96. Turk, Werner
97. Unruh, Fritz von
98. Vanek, Karel
99. Wassermann, Jacob
100. Wegner, Arnin T.
101. Wells, H. G.
102. Werfel, Franz

103. Wiechert, Ernest Emil
104. Wolff, Theodor
105. Wolfskehl, Karl
106. Zola, Émile
107. Zweig, Stefan
108. Zweig, Arnold